

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

*A HISTÓRIA YOUTUBADA: A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO
YOUTUBE*

ANITA NATIVIDADE CARNEIRO

2018
Porto Alegre

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

*A HISTÓRIA YOUTUBADA: A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NO
YOUTUBE*

Anita Natividade Carneiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
junto ao curso de graduação em História da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharela em História.

Orientadora: Prof. Dra. Caroline Silveira Bauer

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Carneiro, Anita Natividade

A História YouTubada: A Ditadura Civil-Militar Brasileira no YouTube / Anita Natividade Carneiro. -- 2018.

78 f.

Orientadora: Caroline Silveira Bauer.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em História, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Ditadura Civil-Militar Brasileira. 2. YouTube. 3. História Pública. 4. História Digital. 5. Usos do Passado. I. Bauer, Caroline Silveira, orient. II. Título.

Anita Natividade Carneiro

A História YouTubada: A ditadura civil-militar brasileira no YouTube

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em História.

Orientadora: Prof. Dra. Caroline Silveira Bauer

Aprovado em: 19/12/2018

Conceito: A

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Caroline Silveira Bauer – Departamento de História, UFRGS

Prof. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues - Departamento de História - UFRGS

Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi - Departamento de História - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Na minha perspectiva, os agradecimentos são a parte mais importante de um trabalho, pois este é o momento de refletir e observar que não caminhamos sozinhos durante uma jornada, essa ideia se assemelha ao *Ubuntu*, termo da filosofia africana que, entre outros significados, pode se resumir em “Eu sou porque nós somos”. Em primeiro lugar, quero agradecer a todos aqueles que me fizeram crescer ao longo da graduação, tanto aos que me apoiaram quanto aos que lançaram desafios, meu sincero obrigada pela oportunidade de aprender.

Quero agradecer a minha primeira inspiração (na quarta série!) e que continua a me inspirar até hoje como educadora e como ser-humano, Professora Luiza Rolla. Aos colegas de estágio não-obrigatório em especial a Professora Cristine, a Professora Gisele e a Professora Andrea, e, principalmente, aos alunos e alunas que me ensinaram como é maravilhoso e desafiador ser profe ao longo dos estágios docentes e de inclusão. À Professora Carmem Gil por acreditar em mim desde o início. À professora Caroline Bauer por ser um modelo de professora-pesquisadora para mim e por todo o apoio na iniciação científica e na orientação deste trabalho de conclusão de curso.

Ao meu eterno grupo de todos trabalhos na graduação: “caçadores-coletores”. Felipe, Lóren e Paloma vocês fizeram o curso de História ser muito mais engraçado e colorido, não tenho palavras pra expressar o quanto vocês foram fundamentais para meu desenvolvimento. Amo vocês do tamanho do mundo, quiçá do universo. Às minhas maravilhosas amigas Anna Laura, Carolina, Caroline, Larissa, Letícia, Maimouna e Thaís. Vocês são um dos meus pilares, somos a revolução, eu amo vocês.

À minha família meu reconhecimento, primeiramente, à minha mãe, por me apoiar incondicionalmente e ser meu maior exemplo de mulher; ao meu pai, por ter me passado o amor por História quase que geneticamente; às minhas irmãs, Julia e Sabrina, por me ensinarem cotidianamente (e até irritantemente) o significado prático de sororidade, empatia e compartilhamento; à minha dinda Ana Cristina por me incentivar e ser meu exemplo de eterna estudante. Agradeço em especial também minhas avós, Anna e Lenita, minha tia Lizyanne e meu tio João Henrique, vocês me guiaram através de palavras de carinho, conselho e conhecimento, nem mil páginas de agradecimento seriam capazes de demonstrar meu amor por vocês, obrigada por tudo, amo vocês.

Minha gratidão àquele que me alimenta (o estômago e a alma), meu corretor oficial de português, meu companheiro de séries, de estudos e de vida, Leonardo. Tu me faz extremamente feliz, obrigada por estar comigo e cuidar de mim, eu te amo.

Por fim, mas não menos importante, aos meus sete amores: Nyx, Nico, Ginger, Gaia, Kyra, Draco e Hanu. Porque não existe a sentença “ter gatos demais” no vocabulário do apartamento cinco.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso em pesquisa história tem como fonte o *YouTube* e busca compreender de que formas o discurso sobre a ditadura civil-militar brasileira aparece nessa plataforma digital. Para isso, no primeiro capítulo apresentamos essa rede sociotécnica, os vídeos selecionados para a análise e também veiculamos uma proposta de metodologia sob o viés histórico. No segundo capítulo, tencionamos sobre as similitudes e diferenças entre as discussões presentes na historiografia da ditadura civil-militar brasileira e os vídeos selecionados. Ademais, tratamos sobre os campos que incidem sobre nossa pesquisa: a História Pública e a História Digital. No terceiro tópico do segundo capítulo, tecemos discussões sobre os usos do passado e da pseudociência, para compreendermos a apropriação desse período histórico por parte dos *youtubers* e o quanto isso colabora para a difusão de ideias falaciosas sobre a ditadura brasileira. No terceiro e último capítulo, adentramos nos aspectos da recepção do público sobre o assunto da ditadura civil-militar brasileira em três âmbitos: nas pesquisas de opinião, na escola e nos comentários selecionados dos vídeos. Esses três consequentemente influenciarão, como vimos na pesquisa feita na educação básica, a maneira com que as identidades juvenis serão formadas e, assim, a sua percepção quanto a história recente e a reflexão do seu papel perante as questões atuais do país.

Palavras-Chave: *YouTube*, Ditadura Civil-Militar Brasileira, História Pública, História Digital.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	8
LISTA DE IMAGENS	8
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
CAPÍTULO 1 - O <i>YOUTUBE</i> COMO FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA	13
1.1 O <i>Youtube</i> como fonte histórica	13
1.2 Proposta de metodologia	19
1.3 Canais e levantamento de dados	23
CAPÍTULO 2 - ATRAVESSAMENTOS DA PESQUISA	35
2.1 Debate historiográfico: Ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e <i>YouTube</i>	35
2.2 História pública e história digital: Campos de pesquisa	42
2.3 Usos do passado e pseudociência histórica	45
CAPÍTULO 3 - O PÚBLICO E A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	54
3.1 A opinião pública, a democracia e a ditadura civil-militar brasileira	54
3.2 “Deixe seu comentário, o <i>like</i> no vídeo e não esquece de se inscrever no canal”: Comentários dos vídeos sobre a ditadura civil-militar brasileira	58
3.3 Identidades juvenis: Aprendizagem pela tela do computador	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
1.1 Vídeos	73
1.2 Bibliografia	73

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Análise do canal.....	20
QUADRO 2 - Análise do(s) vídeo(s).....	21
QUADRO 3 - Canais Levantados para a pesquisa.....	23
QUADRO 4 - Vídeo “Ditadura Militar” Canal Mamaefalei.....	26
QUADRO 5 - “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia.....	27
QUADRO 6 - “Por que não Devemos ter Saudades da Ditadura Militar? 5 Vídeos Absurdos”, Canal Poligonautas.....	28
QUADRO 7 - “1964 - O golpe militar (Felipe Dideus)”, Canal Vamos Falar de História?....	29
QUADRO 8 - “Ditadura Militar Brasileira (Felipe Dideus)”, Canal Vamos Falar de História.....	30
QUADRO 9 - Levantamento de comentários por vídeos.....	58

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - “Por que não Devemos ter Saudades da Ditadura Militar? 5 Vídeos Absurdos”, Canal Poligonautas.....	31
IMAGEM 2 - “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia.....	31
IMAGEM 3 - “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia.....	32
IMAGEM 4 - “Ditadura Militar Brasileira (Felipe Dideus)”, Canal Vamos Falar de História?.....	33
IMAGEM 5 - “1964 - O golpe militar (Felipe Dideus)”, Canal Vamos Falar de História?....	33
IMAGEM 6 - Ditadura Militar” Canal Mamaefalei.....	34
IMAGEM 7 - Pesquisa Instituto Datafolha sobre Democracia x Ditadura.....	55
IMAGEM 8 - Gráfico do Centro de Pesquisas Pew sobre quem apoia governo militar no Brasil.....	56
IMAGEM 9 - Categorias de funcionalidade do <i>YouTube</i> e sua relação com a memória em rede.....	65

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho de conclusão de curso em pesquisa histórica apresentará a maneira com que a ditadura civil-militar brasileira tem sido apresentada nas mídias sociais *online*, aqui representada pelo *YouTube*. A escolha por esse tempo histórico para ser analisado provém devido à larga discussão pública e digital, sobre este tema sensível que gera por um lado a repulsa e por outro a idolatria. A sociedade brasileira tem passado por ataques severos à democracia, então faz parte de uma pesquisa engajada politicamente refletir sobre o espectro do autoritarismo que ronda o nosso país.

A escolha do *YouTube* como plataforma para pensar essas questões elencadas acima decorre do impacto que ele trouxe para nossas vidas, seja de forma pessoal ou profissional. Possuir acesso à uma vasta videoteca com produções audiovisuais das mais diversas formas modifica a maneira com que nos relacionamos com a informação e, portanto, com o conhecimento histórico. Além disso, torna-se fundamental aos historiadores e às historiadoras se apropriarem do *YouTube* como fonte histórica para as suas pesquisas acadêmicas. Então, utilizar esses discursos sobre a ditadura brasileira presentes nessa rede social digital promovem uma conexão entre o que está se discutindo dentro do âmbito acadêmico com o que se discute sobre a mesma temática nos ambientes públicos.

Logo, para essa pesquisa, sob o viés metodológico selecionamos cinco vídeos do *YouTube* com o tema da ditadura civil-militar brasileira. Utilizamos a palavra-chave “ditadura militar no Brasil” (com 218.000 resultados), e o filtro “Relevância”, os dois critérios de seleção foram: a) encontrar canais que pretenderam falar sobre o assunto, sendo excluídos vídeos que apresentassem formato mais parecido com videoaula; b) número de visualizações. Essa seleção foi feita com vídeos que foram lançados até 2017, pois foi o ano em que iniciamos a pesquisa sobre esse tema e selecionamos os vídeos disponíveis na época.

A análise que faremos neste momento não é baseada na plataforma como rede social, mesmo que em alguns momentos esse aspecto apareça. Não nos interessa agora entender o relacionamento das pessoas no *YouTube*, mas sim que opiniões e discursos são construídos sobre a ditadura civil-militar nesse local. Nesse sentido, o problema de pesquisa é “Qual(is) é(são) a(s) narrativa(s) discurso(s) sobre a ditadura civil-militar brasileira que está(ão) sendo construído(s) no *YouTube* para os jovens brasileiros?”, e os objetivos são

- a. Explorar o *YouTube* como fonte histórica;
- b. Analisar discursos sobre a ditadura civil-militar brasileira nos vídeos selecionados do *YouTube*;

- c. Analisar e comparar aspectos da opinião pública e os comentários disponíveis nos vídeos selecionados;
- d. Contribuir para a reflexão sobre os campos da História Pública e da História Digital no âmbito acadêmico.

A metodologia de análise das fontes foi de assistir a cada um dos vídeos realizando transcrição de momentos relevantes e selecionar qualitativamente os comentários de cada vídeo. Notamos, ainda, temas em comum nesses cinco vídeos, os quais serão explorados ao longo do trabalho de conclusão de curso. Essas fontes irão possibilitar averiguar os pontos elencados tanto na problemática quanto nos objetivos da pesquisa - explorar o YouTube como fonte histórica através do uso desses vídeos como documentos produtores de visões históricas, analisar os discursos produzidos sobre a ditadura civil-militar brasileira por meio das falas e comentários dos vídeos escolhidos -, bem como comparar as pesquisas de opinião pública e os comentários. No que tange ao objetivo três, a finalização do trabalho como um todo promove a reflexão por meio da pesquisa dentro dos dois campos: história pública e história digital.

Do ponto de vista teórico, portanto, veremos, ao longo da pesquisa, alguns conceitos chave os quais, neste momento, cabem ressaltar os mais relevantes: a História Pública, a História Digital e os Usos do Passado. A História Pública se refere ao campo de pesquisa que se interessa pelas relações entre o público e a história nas suas mais variadas facetas, nesse sentido, ela pode ser dividida em quatro categorias, sendo estas: história feita para o público, história feita com o público, história feita pelo público e história & público (Santhiago *in* Mauad *et al*, 2016). Compreendemos a História Digital como uma lente para enxergar o passado através das tecnologias digitais que promove, então, “pelo poder hipertextual das referidas tecnologias de formular, definir, questionar e tomar nota das associações no registro humano do passado” (Thomas *apud* Carvalho, 2014, p. 187). No que tange os Usos do Passado, sendo eles públicos ou políticos, concordamos com a historiadora Ana Lima Kállas que afirma que “o uso público da história consiste na veiculação de uma interpretação histórica para um público expandido, que não se resume aos próprios historiadores nem ao âmbito acadêmico.” (Kállas, 2017, p. 136). Sendo assim, os usos públicos da história seriam a forma com que um determinado assunto histórico é apropriado em espaços fora da esfera disciplinada na história. Consequentemente, os usos do passado se transformam através das demandas e disputas políticas do presente como veremos no caso da ditadura civil-militar brasileira.

A revisão bibliográfica é baseada nos dados captados em repositórios digitais de teses e dissertações e nas leituras realizadas de artigos, livros e demais trabalhos acadêmicos.

Primeiramente, na pesquisa realizada nos repositórios digitais de teses e dissertações das faculdades UFRGS, UNISINOS e PUCRS, foram encontrados alguns trabalhos que tratam do tema do *YouTube* mas nenhum especificamente sobre a história ou o ensino de história usando essa ferramenta. Apenas quatro trabalhos merecem ser mencionados, visto que se aproximam da temática a ser desenvolvida por esse projeto: “*YouTube* e a disseminação de conteúdo científico na Internet: perspectivas sobre critérios de qualidade em vlogs” de Vanessa Likoski Ramos da Biblioteconomia UFRGS (2017)¹; “O *YouTube* como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia” de autoria de Cleumara Maria Schmitt no curso de especialização em Mídias na Educação UFRGS (2015)²; “*Youtube*, Audacity e o Photo Story no contexto educacional” de autoria de Jackson Adriano Klein no curso de especialização em Mídias na Educação UFRGS (2012)³; e, por fim, “O *you tube* e a memória: que audiovisual emerge do banco de dados?” de autoria de William Mayer dissertação de mestrado em Comunicação na Unisinos (2013)⁴. Em segundo lugar, a revisão bibliográfica referente ao levantamento de leituras realizadas de artigos, livros e demais trabalhos acadêmicos sobre cada temática abordada no presente trabalho estará em cada um dos capítulos e tópicos específicos.

No primeiro capítulo, abordaremos de forma global o *YouTube* sobre os seguintes eixos: uma breve apresentação da plataforma e seus funcionamentos, uma reflexão do *YouTube* como fonte histórica e uma proposta de metodologia para a análise na plataforma. Por fim, apresentamos os canais e vídeos selecionados para esse trabalho.

No segundo capítulo, apresentaremos os atravessamentos da pesquisa como o debate historiográfico em torno de pontos específicos da ditadura civil-militar brasileira e suas similitudes e disparidades entre os vídeos do *YouTube*. Após isso nos posicionaremos nas discussões dos campos da História Digital e da História Pública. Então, dissertaremos sobre os usos do passado e a pseudociência e como eles estão conectados com a esfera digital e pública.

No terceiro e último capítulo, o enfoque situa-se nas recentes pesquisas de opinião pública sobre a ditadura civil-militar e a democracia de alguns institutos bem como na pesquisa qualitativa da dissertação do mestrado acadêmico de Lícia Quinan. No tópico seguinte, conectamos a percepção pública com os comentários selecionados qualitativamente nos vídeos escolhidos. Para, enfim, compreender de que maneira esses comentários e a opinião pública sobre a ditadura e a democracia influenciam na construção das identidades

¹ Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/169532> Acesso em 03/07/2018.

² Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/133982> Acesso em 03/07/2018.

³ Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/95932> Acesso em 03/07/2018.

⁴ Disponível em <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3707> Acesso em 03/07/2018.

juvenis e na percepção das juventudes acerca desses períodos históricos do passado e do presente.

Para concluir essas considerações iniciais, me recorro da música apresentada em uma aula da disciplina de História do Brasil IV ministrada pela Professora Doutora Caroline Silveira Bauer. No momento em que vivemos, acredito no poder da pesquisa comprometida e do diálogo como ferramenta de combate, além da necessidade de recuperar as palavras de Gonzaguinha para não esquecer e para ter esperança de ir à luta por verdade, memória e justiça.

São vidas que alimentam nosso fogo da esperança
O grito da batalha
Quem espera, nunca alcança
Ê ê, quando o Sol nascer
É que eu quero ver quem se lembrará
Ê ê, quando amanhecer
É que eu quero ver quem recordará
Ê ê, não quero esquecer
Essa legião que se entregou por um novo dia
Ê eu quero é cantar essa mão tão calejada
Que nos deu tanta alegria
E vamos à luta
(Gonzaguinha, 1981).

CAPÍTULO 1 - O YOUTUBE COMO FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA

No presente capítulo, pretendemos tratar da fonte desta pesquisa, suas especificidades e seu suporte, o *YouTube*. Faz-se necessário, também, desenvolvermos, nesse primeiro momento, uma reflexão sobre a utilização dessa rede social⁵ como fonte histórica. Em sequência, apontamos uma possível metodologia de tratamento do *YouTube* como fonte histórica. Além disso, apresentaremos um breve histórico dessa rede social e, depois, quais canais foram selecionados, o porquê dessa escolha e os dados iniciais levantados sobre estes.

Todavia, antes de tratarmos sobre esses assuntos, faz-se necessário lançar mão de alguns dados levantados pelo *Google* sobre a utilização do *YouTube*. O Brasil é o segundo país no mundo em acessos à plataforma, sendo a média de horas que os brasileiros passam assistindo aos vídeos *online* chega a 15,4 horas por semana, e 95% pessoas com acesso à *internet* veem pelo menos um vídeo por mês através dela⁶. A preferência dos brasileiros para ver os vídeos na *internet* são *YouTube* (42%), *Whatsapp* (20%) e *Netflix* (15%). Além disso, 63% das pessoas que responderam a pesquisa apontaram a plataforma como a substituta da televisão⁷. Os dados apontam, assim, a importância de compreendermos aprofundadamente essa rede social *online* para a área da história e como está sendo transmitida e utilizada no *ciberespaço*.

1.1 O *Youtube* como fonte histórica

Neste tópico, pretendemos apresentar a história do *YouTube* como plataforma social *online* baseada principalmente no livro de Burgess & Green (2009). Faz-se necessário, também, explorar categorias próprias dessa rede social virtual como: o que é *youtuber*, curtir, compartilhar, comentar, monetização de vídeos, engajamento, algoritmos, filtros que a própria rede dispõe para seleção de vídeos e as categorias dos mesmos. Por fim, apresentaremos algumas pesquisas que já abordam o *YouTube* como fonte histórica.

⁵ Trataremos o *YouTube* como rede social, mas compreendemos que existe diferenciação entre rede social e um *site* que possibilita as redes sociais como é o caso do objeto dessa análise. Essa diferenciação está explicada em Recuero (2017), tomando o *Facebook* como exemplo: “Ou seja, o Facebook, por si só, não apresenta redes sociais. É o modo de apropriação que as pessoas fazem dele que é capaz de desvelar redes que existem ou que estão baseadas em estruturas sociais construídas por essas pessoas (muitas vezes, de modo diferente daquele previsto pela própria ferramenta). Uma vez que passem a usar o Facebook, os atores criarão ali redes sociais que passarão a ser exibidas por ele.” (p. 9)

⁶ Dados retirados da publicação do *Think With Google*, disponível em <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/introducao/> Acesso em 14/08/2018.

⁷ Dados retirados da reportagem do *CanalTech*, disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/canaltech/consumo-de-videos-pela-internet-cresce-mais-de-90-segundo-o-google,12fda3e112cec2263175ad9d23bb7f18rftc411c.html> Acesso em 14/08/2018.

A história da rede social virtual começou em junho de 2005 com seu lançamento, sendo idealizada por três ex-funcionários do site *PayPal* - Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. A rede tinha como princípio inicial romper com as dificuldades no compartilhamento de vídeos (Burgess & Green, 2009, p. 17). No entanto, em outubro de 2006 o *Google* comprou (por 1,65 bilhão de dólares) a rede social e passou a administrá-la e, segundo os autores, este foi o momento em que a plataforma começou a se tornar uma das mais acessadas do mundo. Os *slogans* no site podem nos comunicar de que forma a rede social se identifica; o primeiro deles foi: “*Your Digital Video Repository*” (“Seu Repositório de Vídeos Digitais”), e o atual: “*Broadcast yourself*” (“Transmita-se”), ou seja, primeiramente ela foi pensada como um repositório de vídeos e, atualmente, o *YouTube* tem como finalidade a expressão pessoal no mundo virtual (Burgess & Green, 2009, p. 20). Portanto, observamos esses dois movimentos ainda presentes: pessoas que apenas enxergam o *YouTube* como repositório, e outros que vem transformando a plataforma em uma rede social *online*, ou seja, passível de interação e construção colaborativa de conteúdo. Dessa maneira, definimos o *Youtube* como uma plataforma que agrega conteúdos, projetada não primordialmente como produtora de conteúdo - apesar de hoje já possuir um canal na própria rede -, ela é um exemplo de “metanegócio”, ou seja, uma “nova categoria de negócio que aumenta o valor da informação desenvolvida em outro lugar e posteriormente beneficia os criadores originais dessa informação” (Weinberger, 2007, p. 244 *apud* Burgess & Green, p. 21). Segundo os autores, “Para o *Youtube*, a cultura participativa não é somente um artifício ou adereço secundário; é, sem dúvida, seu principal negócio” (Burgess & Green, p. 23).

A partir dessa exposição inicial, podemos dizer então que o *Youtube* configura-se como plataforma de acesso rápido e *online* a vídeos, sendo este alimentado por usuários que anteriormente o buscavam apenas como repositório de vídeos e atualmente tornou-se mais utilizado na transmissão de canais pessoais ou de mídias comerciais⁸. Pensando em uma analogia com a televisão, imaginando que cada canal disponível na rede do *YouTube* fosse como um próprio canal de televisão. Sendo assim, um local tanto de produção como de acesso à cultura.

Neste universo, elencamos então os principais produtores de conteúdo dessa plataforma específica: as pessoas conhecidas como *youtubers*. Ser *youtuber* é ser alguém que possui um canal que produz conteúdos e, dependendo da quantidade de acessos que terão os

⁸ Atualmente podemos observar que as próprias indústrias midiáticas televisivas, por exemplo, também possuem canais na plataforma para difundir em outros âmbitos seus trabalhos e alcançar outros públicos-alvo visto a preferência dos jovens pela *internet* do que a televisão.

vídeos, consegue monetizá-los e transformá-los em produção e disseminação em uma profissão. Diversos *youtubers* atualmente vivem da renda de seus vídeos e de parcerias com empresas que apostam muito mais no *marketing digital* e no *franchising* do que nas formas de propaganda tradicionais (televisão, *outdoors*, rádio, etc.) para venderem seus produtos.

Ainda, explicando as funções da rede, existem três formas de engajamento - isto é, interação entre o canal e o público -, os três C's presentes em praticamente todas as redes sociotécnicas *online*: Curtir, Comentar e Compartilhar. O *YouTube* disponibiliza aos seus usuários a possibilidade de curtir (gostar) ou descurtir (não gostar) tanto os vídeos quanto os comentários de outras pessoas, assim como é possível tanto comentar o vídeo como comentar os comentários de outros. Ademais, os comentários podem ser removidos pelos criadores de conteúdo, assim como bloquear aqueles que contêm termos e palavras específicas.

Outros dois aspectos importantes do *YouTube* são os algoritmos e a monetização dos vídeos. Esses primeiros seriam cálculos matemáticos que fazem com que o espectador de determinados conteúdos continue a receber recomendações e sugestões de vídeos referentes sobre assuntos relacionados. Ou seja, estes algoritmos, agem conforme os rastros digitais de determinado usuário (e de outros com tendências de pesquisa parecidas), sugerindo vídeos que o interessem⁹. Conforme Salgado (2017), “o algoritmo do *YouTube* não é divulgado publicamente, ou seja, não sabemos ao certo como ele age na recomendação de vídeos e canais nessa plataforma”. Um exemplo prático: se uma pessoa pesquisa conteúdos sobre o “lado positivo” da ditadura civil-militar brasileira, é provável que em suas recomendações haverá mais vídeos sobre essa temática do que sobre as atrocidades do regime militar, e vice e versa. O autor propõe que “As interações em ‘rede sociais’, portanto, não são apenas sociais (apenas humanas, no sentido clássico), por isso defendemos o uso do termo ‘redes sociotécnicas’, integrando os não humanos nessa dinâmica comunicacional e interacional nessas plataformas midiáticas *online*” (Salgado, 2017)¹⁰.

O segundo ponto seria da monetização de vídeos, essa possibilidade está disponível para aqueles que possuem “quatro mil horas de exibição nos últimos doze meses e mil

⁹ É fundamental o alerta que faz Eli Pariser em sua palestra no TED (*Technology, Entertainment and Design*) em março de 2011, os algoritmos criam filtro-bolhas que acabam com o potencial democrático de acesso à informação. Para compreender melhor sobre esse assunto a palestra está disponível na íntegra neste [link](https://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles?language=pt-br&utm_campaign=tedspread&utm_medium=referral&utm_source=tedcomshare) https://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles?language=pt-br&utm_campaign=tedspread&utm_medium=referral&utm_source=tedcomshare Acessado em 12/09/2018.

¹⁰ O trabalho de Tiago Barcelos Pereira Salgado é extremamente importante para compreendê-los sendo sugerida a leitura sobre esse tema. Ademais sugerimos a leitura da reportagem “Meu algoritmo é racista e machista ou como a tecnologia reforça preconceitos” de Marília Moreira, disponível em <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/meu-algoritmo-e-racista-e-machista-ou-como-a-tecnologia-reforca-preconceitos/> Acesso em 17/09/2018.

inscritos”¹¹ e fornece uma renda por meio de anúncios e os assinantes do *YouTube Red*¹² para aqueles que produzem conteúdo para o *YouTube*. Por isso, muitos desses criadores de vídeos são conhecidos e se identificam profissionalmente como *YouTubers*.

A possibilidade de compartilhamento torna a rede social *online* algo muito mais complexo, uma vez que o vídeo disponível no *YouTube*, através do seu *link*, pode ser difundido para outras redes sociotécnicas como *Whatsapp*, *Facebook* e *Twitter*. Há, também, o conceito de “Visualização”, que condiz com quantas vezes aquele vídeo já foi assistido, podendo estar presente no filtro “Em Alta” que leva em conta a contagem de visualizações, a taxa de crescimento de visualizações, a origem delas e a idade do vídeo (Youtube, 2018). Segundo o próprio site é

possível prever alguns dos vídeos que aparecerão por lá, como a música nova de um artista famoso ou o trailer de um filme. Porém, algumas surpresas podem ganhar esse destaque, como um vídeo viral. O objetivo dessa seção é dar destaque a vídeos que podem agradar vários espectadores. (...) A lista de vídeos em alta é atualizada a cada 15 minutos. Em cada atualização, os vídeos podem subir, descer ou ficar na mesma posição na lista. (Youtube, 2018)¹³

Passamos para outros filtros que a rede dispõe na hora da pesquisa, são eles: Data do *Upload* (Última hora, Hoje, Esta semana, Este Mês, Este ano); Tipo (Vídeo, Canal, *Playlist*, Filme, Programa); Duração (Curto - menos de quatro minutos - e Longo - mais de vinte minutos); Características (4K, Alta Definição, HDR, Legendas/CC, *Creative Commons*, 3D, Ao vivo, Comprado, 360°, Local); Classificar por (Relevância, Data de envio, Contagem de Visualizações, Avaliação). Por fim, outro modo de seleção do conteúdo disponível na plataforma é a chamada de “Categorias de Vídeos”, que aparecem logo abaixo da descrição do vídeo, sendo esta dada automaticamente pelo próprio *Youtube*.

Feita essa elucidação de como a plataforma funciona de forma mais prática, torna-se necessário, neste primeiro momento, elencar trabalhos acadêmicos que utilizaram o *YouTube* como fonte de pesquisa tanto dentro do campo da História quanto em outras áreas. Dividimos essas produções acadêmicas selecionadas em três categorias: 1) Aquelas que utilizam o *Youtube* como plataforma e fonte de pesquisa (Sheehy, 2008; Dal Pian, 2015; Araújo & Costa, 2011); 2) Aquelas que refletem sobre o impacto da plataforma no ensino de história (Barros, 2014; Bispo & Barros, 2016; Oliveira, 2016), na prática pedagógica (Costa, 2011; Correa & Pereira, 2016; Silva, M. 2016; Quintanilha, 2017), na área das linguagens (Schneider & Caetano & Ribeiro, 2012; Moreira & Dias, 2017) e na área da geografia

¹¹ Retirado de <https://support.google.com/youtube/answer/72857?hl=pt-BR> Acesso em 02/09/2018.

¹² O *YouTube Red* seria um serviço a mais da plataforma em que o usuário pagaria para assistir vídeos em segundo plano no celular, fazer download dos mesmos para assistir depois sem precisar ter acesso à *internet* e sem anúncios, e foi disponível no Brasil recentemente com o nome *YouTube Premium*.

¹³ Disponível em <https://support.google.com/youtube/answer/7239739?hl=pt-BR> Acesso em 30/07/2018.

(Almeida & Silva & Junior & Borges, 2015); 3) Aquelas que investigam o *YouTube* como plataforma que altera a relação das pessoas com alguma área: memória (Puhl & Araújo, 2012), narrativas, imagens e discurso (Silva, 2011; Mello & Gregolin, 2013; Menegon, 2013), participação cidadã e práticas culturais (Olivatti, 2008; Silva, 2011), cultura participativa (Queiroz, 2015), sociedade midiaticizada (Morelli & Renó, 2016) e arquivamento (Dias, 2013).

Nesse momento, as produções que serão exploradas são as que utilizam os vídeos do *YouTube* como fonte, pois é exatamente o que estamos propondo como análise neste trabalho de conclusão de curso. A primeira pesquisa é a de Luiz Fernando Dal Pian¹⁴ intitulada “Aproximações entre Comunicação Pública da Ciência e Entretenimento no *Youtube*: uma análise do canal Nerdologia” (2015), e utiliza o canal Nerdologia¹⁵ como fonte para compreender as questões entre divulgação da ciência e o entretenimento que o canal proporciona. Para o autor, um dos grandes benefícios do *YouTube* está no

compartilhamento de informações úteis à construção coletiva do conhecimento, fazendo uso das diversas ferramentas típicas das plataformas e linguagens do audiovisual. Estudiosos, pesquisadores, intelectuais, educadores e demais especialistas em diferentes áreas do saber passaram a se utilizar dos recursos e técnicas de captação e edição de vídeos para produzir, compartilhar e dialogar com outros usuários da rede acerca de diferentes temas filosóficos, científicos e tecnológicos. (Dal Pian, 2015, p. 6 e 7)

Além disso, na questão metodológica da pesquisa, o autor perpassa por um dos elementos que também pretendemos abordar na presente pesquisa, os recursos linguísticos. Nesta perspectiva, podemos nos questionar se todos aqueles que produzem conhecimento no âmbito do *Youtube* podem se caracterizar como popularizadores do conhecimento científico, e, ainda mais, se estes popularizam de fato o conhecimento histórico científico. Nesta lógica, resta-nos perguntar se todos aqueles que se propõe a tratar de história em seus canais estão de fato preocupados com sua metodologia científica ou apenas acreditando que é interessante a ideia de narrar “fatos” para seu público. Essas são questões que pretendemos elucidar no segundo capítulo.

Outro artigo que se propõe utilizar vídeos do *YouTube* como fonte é o trabalho de Júlio César Araújo¹⁶ e Rafael Rodrigues da Costa¹⁷ intitulado “A fúria do *Führer*: um estudo das estratégias discursivo-pragmáticas presentes num ‘viral’ do *Youtube*” (2011). Apesar de

¹⁴ O pesquisador possui doutorado na área da Ciência da Comunicação. Lattes disponível em <http://lattes.cnpq.br/1302903508054167> Acesso em 30/07/2018.

¹⁵ Canal disponível em <https://www.youtube.com/channel/UClu474HMT895mVxZdIIHXEA> Acesso em 30/07/2018.

¹⁶ O pesquisador tem doutorado na área de Linguística. Lattes disponível em <http://lattes.cnpq.br/3016042855685546> Acesso em 30/07/2018.

¹⁷ O pesquisador possui doutorado na área de Linguística. Lattes disponível em <http://lattes.cnpq.br/7337005317089939> Acesso em 30/07/2018.

não serem historiadores de formação, acreditamos que esta pesquisa tem um grande valor para a área da História. Primeiro, por se tratar de uma temática relacionada à Segunda Guerra Mundial, e, segundo, por poder facilmente se enquadrar em uma análise sobre História Pública e História Digital em que se problematizasse de que maneira vídeos virais¹⁸ alteram a concepção de “como foi o passado” para as pessoas. Conseqüentemente,

Hoje, em meio ao fenômeno da convergência de mídias (JENKINS, 2008), os trânsitos simbólicos intensificam-se e as fronteiras entre os diferentes suportes da comunicação humana tornam-se menos óbvias. Dessa forma, torna-se comum a materialização de práticas que perpassam vários meios de comunicação ou que tornam possível a migração de conteúdos entre mídias. Nesse segundo cenário, seria possível observar fenômenos ligados aos gêneros do discurso, como a transmutação de gêneros (BAKHTIN, 2000 [1979]; ARAÚJO, 2006; ZAVAM, 2009). De fato, as mídias digitais vão, de certa forma, permitir a um usuário-produtor reinterpretar, parodiar e comentar categorias tão distintas de enunciados quanto videoclipes, novelas, filmes, assim como dar a esses mesmos usuários a possibilidade de compartilharem conteúdos de autoria própria. (Araújo & Costa, 2011, p. 284)

Desse modo, apreendemos, através do estudo de Araújo e Costa, que o *YouTube* facilita a formação de novas produções e narrativas em que qualquer usuário-produtor pode alterar um vídeo de modo que melhor lhe sirva. Sendo possível, assim, através de um clique, a reinterpretação da história, e que nem sempre estará de acordo com as pesquisas e análises presentes nas grandes mídias ou na educação básica e superior.

Por fim, o trabalho de Megan Sheehy, pesquisadora australiana que em 2008 escreveu o texto “*New Perspectives on the Past: YouTube, Web 2.0 and Public History*”, apesar do artigo não focar tanto teórica e metodologicamente em vídeos do *YouTube* para tratar sobre um assunto específico, utiliza destes para pensar de que formas a plataforma altera a maneira com que as pessoas se comportam na produção, consumo e interpretação da história. Dessa forma, inicialmente ela seleciona cinco assuntos que na sua concepção são os mais comuns sobre a história australiana (Ned Kelly, Capitão Cook, Referendo de 1967, o *Eureka Stockade*, Colapso da Ponte *West Gate*) e, ao apontar os quatro resultados mais acessados, sua pesquisa encontrou

Dois dos resultados poderiam ser considerados um audiovisual de cunho histórico, três eram propagandas de marketing para produtos relacionados ao assunto histórico e nove não eram diretamente relacionadas ao tema pesquisado. Uma gama interessante de vídeos amadores foi encontrada, incluindo dois filmes curtos, um baseado em uma estátua e outro uma história oral, um trabalho escolar e um tributo e performance de uma música sobre o assunto histórico (com uma explicação precedendo-o). Destes resultados, é interessante notar que nenhum dos conteúdos foi produzido por uma instituição cultural. (Sheehy, 2008, p. 64)¹⁹

¹⁸ Um vídeo viral é um vídeo que circulou muito pelas redes *online*, alcançando assim um grande número de visualizações, de forma rápida e efêmera.

¹⁹ Em inglês: “Two of the results could be considered audiovisual historical source material, three were marketing for products related to the historical subject and nine were not directly related to the historical subject. An interesting range of amateur history productions were found, including two short films, one based on a statue and the other on an oral history, a school assignment, a tribute and the performance of a song about an historical

Ao longo do texto, ela exemplifica seus argumentos através de outros vídeos selecionados e mesmo que sua produção seja antiga - pensando em termos da transformação rápida que a plataforma desenvolveu em dez anos -, a autora agrega no quesito metodológico inicial, ou seja, como selecionar as fontes para uma pesquisa no *YouTube*.

Este subcapítulo buscou tratar principalmente sobre a formação do *YouTube* e suas características práticas e funcionais como rede social *online*, assim como apresentar algumas pesquisas que tomam essa plataforma como fonte e dividimos elas em três categorias, sendo a primeira a mais relevante de ser explorada para essa pesquisa. Presente nessa categoria, estavam três pesquisas que utilizam vídeos e canais como fonte de análise em três campos: Comunicação, Linguística e História. No entanto, visto que trabalhamos em uma perspectiva da História Pública em que a transdisciplinaridade é um dos seus pilares, acreditamos que foi possível suscitar questões para o campo da história e principalmente para lançarmos luz sobre as fontes que serão utilizadas e que serão apresentadas no próximo subcapítulo.

1.2 Proposta de metodologia²⁰

As estratégias de escolhas de vídeos selecionados e/ou canais dependerão do problema de pesquisa do/da historiador/a. Alguns aspectos que podem ser incluídos na seleção são: 1) Alguns filtros que a própria rede dispõe ao pesquisar sobre algum termo²¹; 2) Categorias de Vídeos (que aparecem logo abaixo da descrição do vídeo, sendo esta dada automaticamente pelo próprio *Youtube*); 3) Ordem de aparecimento dos vídeos ao pesquisar alguma palavra-chave²²; 4) Escolha por algum canal específico; entre outras inúmeras possibilidades.

Nos quadros abaixo, apresentamos uma proposta de análise histórica de vídeos disponibilizados através da plataforma *YouTube*. A primeira se refere ao canal analisado como um todo, e a segunda, por sua vez, trata do(s) vídeo(s) que seria(m) selecionado(s) para a pesquisa. Ambas foram organizadas a partir de duas categorias: os aspectos a serem explorados e os dados que podem ser coletados com o intuito de compreender os vídeos e os

subject (with an explanation preceding it). Of these results, it is interesting to note that none of the content was uploaded by cultural institutions.”

²⁰ Esta proposta de metodologia foi escrita conjuntamente com Bruno Grigoletti Laitano (<http://lattes.cnpq.br/8027629120812800>) e apresentada no 3º Encontro Discente de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2018.

²¹ Data do *Upload* (Última hora, Hoje, Esta semana, Este Mês, Este ano); Tipo (Vídeo, Canal, *Playlist*, Filme, Programa); Duração (Curto - menos de quatro minutos - e Longo - mais de vinte minutos); Características (4K, Alta Definição, HDR, Legendas/CC, *Creative Commons*, 3D, Ao vivo, Comprado, 360°, Local); Classificar por (Relevância, Data de envio, Contagem de Visualizações, Avaliação).

²² Mais sobre isso ver Salgado, Tiago. Públicos Algorítmicos: Relevância e recomendação no *YouTube*. In HOMSSI, Aline Monteiro *et. al.* Tempos de rupturas: críticas dos processos comunicacionais. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017, pp. 370-392.

canais tanto a partir de seu caráter *histórico*, quanto como *fontes*, tendo em vista as discussões no âmbito da História Pública e da História Digital.

QUADRO 1 - Análise do canal

Aspecto	Dados
Tamanho do canal	Informações relativas à quantidade de inscrições, de visualizações e o número total de vídeos.
Comentários, curtidas (<i>marcados como 'Gostei'</i>) e descurtidas (<i>marcados como 'Não gostei'</i>)	Cálculo de comentários, curtidas e descurtidas de todo o canal.
Comunidade	A interação entre o <i>youtuber</i> e seus inscritos: periodicidade das postagens, tipos de postagens (imagens, enquetes, divulgação de vídeos), reação do público aos conteúdos (curtidas, descurtidas, comentários).
Vídeos mais populares	Os vídeos mais populares do canal, que indicam os principais interesses do público no canal em questão.
Descrição e criação do canal	Como os produtores do canal o enxergam a partir da descrição. A criação diz respeito à época em que foi feito, bem como a sua trajetória.
Produtores	As pessoas responsáveis pela construção do canal, a motivação para criá-lo e sua formação profissional.
Canais parceiros	Os canais parceiros são escolhidos pelos próprios donos do canal. Esse dado pode fornecer pistas sobre a rede de sociabilidade <i>online</i> em que o canal está inserido.

<i>Playlists</i> criadas	Que tipos de <i>playlist</i> são criadas pelo canal? Tratam de quais temas?
Redes sociais	Outras redes sociais <i>linkadas</i> na aba “Sobre”. Elas podem ser somadas à análise da pesquisa. Qual é o alcance do canal nessas redes (número de seguidores, curtidas, compartilhamentos, comentários)?
Vídeo em destaque	Na aba “Início”, os produtores do canal podem escolher um vídeo em destaque. Que tipo de vídeo é esse, qual é o seu tema?

Fonte: Anita Carneiro e Bruno Laitano.

QUADRO 2 - Análise do(s) vídeo(s)

Aspecto	Dados
Comentários	A análise de comentários pode ser qualitativa ou quantitativa. É importante ressaltar que os comentários também podem ser comentados (ou respondidos), curtidos e descurtidos.
Recursos estéticos	Explorar as questões de edição, música, cenário, apresentação (cômica, jornalística...) entre outros recursos estéticos.
Aportes documentais	Quais são as fontes históricas utilizadas no vídeo (jornais, músicas, fotografias...) para a construção da narrativa? Quais referências bibliográficas são disponibilizadas? Elas são citadas ao longo do vídeo ou na descrição?
Discurso	Análise do discurso político, se houver um posicionamento político por parte dos

	<p><i>youtubers</i>. De que formas o vídeo situa-se nos debates historiográficos acadêmicos? Quais são as relações entre a produção do vídeo específico e a época em que foi produzido? Qual a visão de História dos produtores?</p>
Receptividade	Número de curtidas, descurtidas e visualizações do vídeo analisado.
Data, duração e contexto	Data de lançamento do vídeo, tempo de duração e contexto histórico (no país, no mundo...) em que foi disponibilizado.
Descrição e categoria do vídeo	O que falam os produtores do vídeo sobre seu conteúdo? A categoria do vídeo é designada pelo próprio <i>YouTube</i> , mas também pode ser averiguado o porquê da categoria estabelecida para um determinado vídeo.
Vídeos recomendados	Quais são os vídeos recomendados para visualização após o término daquele que se está assistindo no momento? É necessário um cuidado especial, uma vez que as recomendações estão conectadas aos algoritmos da própria plataforma, variando, portanto, entre os usuários.
Monetização	Há monetização dos vídeos? Quais são as propagandas? Há propagandas além das geradas pelo <i>YouTube</i> ?

Fonte: Anita Carneiro e Bruno Laitano.

1.3 Canais e levantamento de dados²³

Compreendendo o *Youtube* como um espaço de memória social²⁴, selecionamos sete vídeos sobre a história da ditadura civil-militar no Brasil para serem usados como fonte para esse trabalho. A palavra-chave selecionada para buscar esses vídeos foi “ditadura militar no Brasil” e o único filtro utilizado no próprio *site* foi “Relevância²⁵”. Além disso, é importante pontuar que quando pesquisamos essa palavra-chave no *Google* e selecionamos a aba “Vídeos” são obtidos aproximadamente 218.000 resultados. Essa seleção teve apenas dois critérios: a) encontrar canais que pretenderam falar sobre o assunto, sendo excluídos vídeos que apresentavam um formato mais parecido com vídeo-aula; b) número de visualizações.

Segue o quadro com os dados principais de cada vídeo analisado:

QUADRO 3: Canais levantados para a pesquisa

Título do Vídeo	Canal	Visualizações	Gostei / Não-Gostei	Data
1. “Regime/Ditadura Militar/HISTÓRIA”	Nostalgia	4.526.777	414 mil 34 mil	25 de maio de 2016
2. “Ditadura Militar”	Mamaefalei	226.789	20 mil 5,5 mil	30 de maio de 2016
3. “1964 - O golpe militar (Felipe Dideus)”	Vamos Falar de História?	120.684	6,2 mil 318	28 de dezembro de 2014
4. “Ditadura Militar Brasileira (Felipe Dideus)”	Vamos Falar de História?	92.564	5,6 mil 217	16 de janeiro de 2015
5. “Por que não Devemos ter Saudades da Ditadura Militar?”	Poligonautas	83.650	4,7 mil 1,5 mil	21 de setembro de 2015

Fonte: Dados levantados pela autora no dia 24/07/2018, os links para os vídeos estão disponíveis nas referências bibliográficas.

A análise desses vídeos se inicia por quem os elaborou e produziu, bem como a observação dos conteúdos fornecidos por esses canais. Nenhum dos *youtubers* é professor-

²³ Este subcapítulo foi adaptado da publicação Carneiro, Anita Natividade. A História YouTubada: discursos sobre ditadura civil-militar brasileira no *YouTube* in Kreuz, Débora Strieder; et al (Orgs.) Comunicações do 2º Encontro Discente de História da UFRGS. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

²⁴ Compreendemos memória social como algo que é construído socialmente, ou seja, por meio de aportes (como o *YouTube*) que suscitam, criam e inventam memórias comuns entre as pessoas. Como aponta Dantas (2006), entendemos memória social como uma memória que é compartilhada.

²⁵ “Nesse cálculo de relevância e classificação de conteúdos, o algoritmo do *YouTube* se baseia, sobretudo, no número de visualizações e no número de inscrições de vídeos alocados em um canal. Da mesma maneira, esse algoritmo leva em consideração o tempo que o vídeo foi visualizado e o número de visualizações ao longo de um curto período de tempo – de uma semana a no máximo 30 dias. A relevância no *YouTube* se define por aquilo que potencialmente pode interessar a públicos diversos em função daquilo que já foi feito no *YouTube* e de futuras ações que podem se dar nessa plataforma” (Salgado, 2017, p. 388).

pesquisador na área de História, as formações encontradas foram: designer gráfico (Canal Nostalgia) e engenheiro químico (Canal Mamaefalei). Sobre o canal Poligonautas e o Vamos Falar de História?, não foi possível encontrar a formação dos *youtubers*. Neste segundo, é interessante mencionar que é o único canal selecionado que é voltado para um público que busca o conteúdo específico de História. Os demais canais tratam, na maioria dos seus vídeos, de temas variados - como ciência (Poligonautas), cultura pop (Nostalgia) e atualidades (Mamaefalei). Uma ressalva a se destacar é que o único vídeo que utilizou a ajuda de um professor-pesquisador na área de História, com a finalidade de contribuir com a produção do roteiro, foi o “Canal Nostalgia”²⁶. Apenas recentemente canais em que historiadores e historiadoras são produtores de conteúdo ganham espaço no *YouTube*, mostrando que é possível aliar o conhecimento acadêmico e o ciberespaço²⁷.

No que tange as motivações dos *youtubers* para criar os canais, Arthur do Val (Mamaefalei) comenta em um vídeo específico de seu canal que desenvolveu esse projeto depois de discussões recorrentes entre amigos da rede social *Facebook* e então começou a fazer vídeos para expor suas ideias²⁸. Ele retorna, também, aos tempos da escola em que era um aluno que conhecia muito sobre as disciplinas escolares, mas que não era familiar a questões políticas do país (comenta, por exemplo, que desconhecia a função do cargo de senador). Felipe Castanhari (Nostalgia) retirou sua inspiração assistindo outros *youtubers* conhecidos (como PC Siqueira) e pensou mais pelo viés profissional. O estímulo para criar o Nostalgia, portanto, aconteceu depois de assistir vídeos que lembravam desenhos da sua própria infância no *YouTube* e perceber que nenhum canal tratava sobre esses assuntos “nostálgicos”²⁹. O criador de conteúdo Schwarza (Poligonautas) não produziu nenhum vídeo específico sobre a motivação do criação do canal, mas em um vídeo-entrevista ele diz que inicialmente era dedicado ao conteúdo de *games* para depois passar para questões de ciência. Sobre o Vamos Falar de História? não foi encontrado nenhum vídeo ou entrevista com Felipe Dideus sobre as motivações para criar o canal.

²⁶ Em um vídeo de entrevista, o criador do canal Poligonautas comenta que busca apoio em professores da Universidade de São Paulo (USP) para ajudar na construção dos roteiros de vídeos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TzkqpYa95CI> Acesso em 08/09/2018.

²⁷ Exemplo disso é o canal “Leitura Obrigatória HISTÓRIA”. RODRIGUES, Icles. Historiadores também podem ser *youtubers* (Entrevista). Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historiador-e-youtuber/>. Publicado em: 18 Set 2017. Acesso: 24/07/2018.

²⁸ Vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=66OuWwAldQk> Acesso em 08/09/2018.

²⁹ É interessante pensar nisso uma vez que para um vídeo sobre um tema nostálgico funcionar é necessária uma memória compartilhada sobre um tempo, ou seja, o próprio canal tem como motor questões de memórias individuais, mas que fazem parte de uma memória coletiva. Vídeo disponível <https://www.youtube.com/watch?v=i8LICcu5o0Y> Acesso em 08/09/2018.

Além disso, é importante pontuar que os canais selecionados têm como protagonistas homens, mas não apenas nestes selecionados, podemos apreender de maneira empírica que a maioria dos canais com mais engajamento, que são voltados à divulgação de conhecimento científico ou tratam de atualidades, tem como *youtuber* principal uma pessoa do sexo masculino. Não foram encontrados dados sobre a quantidade de criadores de conteúdo pensando a questão de gênero, dessa maneira este é um estudo que ainda está por ser feito³⁰.

Uma análise inicial nos permite constatar a necessidade de compreender que cada canal produz seu público. Dessa forma, não quer dizer que um vídeo com muitos acessos e aceitação (curtidas) se baseou numa pesquisa para oferecer um conteúdo com referenciais teóricos histórico-científicos. Salgado (2017) apresenta em seu estudo a formação desses públicos conforme os algoritmos da plataforma nomeando-os de “públicos algorítmicos”, ou seja, a construção do público depende da interação entre ações humanas (buscar determinados vídeos sobre certo conteúdo) e não-humanas (cálculos matemáticos e operações técnicas e maquinicas). Quer dizer que, normalmente, pessoas que pesquisam algum tipo de conteúdo possuem tendência a concordar com as opiniões daquele/a *youtuber*. Ainda, podemos lançar mão do conceito de capital social para compreender essas conexões nas redes sociotécnicas, como aponta Recuero (2017), “fazer parte do grupo constrói um benefício social, na medida em que dá aos atores oportunidades de acesso a determinadas informações” (p. 14), ou seja, corrobora com a tendência de que as interações sociais³¹ *online* de um determinado grupo permaneça em um filtro-bolha - conceituação de Eli Pariser. Nesse sentido, Raquel Recuero desenvolve que a proximidade entre pessoas nas redes sociais é motivado pelos interesses em comum e padrões comportamentais similares, sendo que podem se aproximar ou por já terem essas características em comum, ou por desenvolvê-las conforme a convivência com determinado grupo. Assim,

Essa característica é chamada “homofilia” e está relacionada à similaridade dos atores em um mesmo *cluster*³² social, resultando no fato de que esses atores tendem a ter acesso às mesmas fontes e a circular as mesmas informações. Assim, a homofilia está relacionada também ao capital social, uma vez que pode auxiliar na construção e no fortalecimento dos laços sociais que vão gerá-lo. (Recuero, 2017, p. 15)

³⁰ Essa indagação provém da leitura da matéria “Mulheres que fazem vídeos científicos no YouTube encaram comentários hostis” Disponível em <https://folha.com/c8ed6x9h> Acesso em 30/07/2018.

³¹ Há uma diferenciação entre dois tipos de interação: “Putnam (2000) divide o capital social em dois tipos: *bridging* (relacionado às conexões, como pontes ou laços fracos entre os atores de diferentes grupos) e *bonding* (relacionado à qualidade dessas conexões, ou laços fortes, dentro de um mesmo grupo). O capital social para o autor, portanto, estaria associado ao tipo e qualidade das conexões em uma rede. Estar em uma rede social, assim, permite a construção de valores para os atores.” (Recuero, 2017, p. 14)

³² Um *cluster* é uma rede de conexões. Para entender melhor acesse exemplos de *clusters* no *Twitter* <https://socialfigures.com.br/blog/2015/02/09/clusters-em-redes-no-twitter-o-que-faz-as-pessoas-se-conectarem/> Acesso em 15/09/2018.

Prosseguindo na análise dos vídeos, no que tange o embasamento teórico do campo da história para essas produções audiovisuais, notamos que não é tão aprofundada e nem busca referências acadêmicas. O canal Poligonautas citou como fonte na descrição do vídeo os *sites* “SuaPesquisa” e “InfoEscola”, já o canal Vamos Falar de História? cita como fonte os *sites* “Portal da Força Expedicionária Brasileira (FEB)”, “Heróis da FEB”, “Soldado Brasileiro” e “Brasil Militar”. Os demais canais não citaram fonte de suas informações. Alguns assuntos abordados que seguem os debates presentes do âmbito acadêmico foram, por exemplo: a querela sobre classificar ou de regime ou ditadura militar (Canal Mamaefalei e Canal Nostalgia), também a discussão sobre a ditadura ter recebido apoio dos civis aparece no Canal Nostalgia.

Outra leitura possível de análise são as datas das postagens dos vídeos. Podemos observar que elas se localizam no período entre dezembro de 2014 e maio de 2016; como qualquer fonte histórica, o contexto em que foram produzidas pode nos revelar algo. São duas as hipóteses: a primeira foi pela efeméride dos cinquenta anos do golpe de 1964, que ocorreu no ano de 2014, suscitando no grande público um maior debate sobre essas questões; soma-se nessa primeira hipótese a entrega do relatório final da Comissão Nacional da Verdade³³ realizado em dez de dezembro de 2014. No que tange a segunda hipótese, podemos inserir o contexto político em que o Brasil passa nos últimos anos, desde a reeleição da presidenta Dilma Rousseff em 2014 e seu agravamento no processo de impeachment entre dois de dezembro de 2015 e 31 de agosto de 2016. Dessa forma, a crise política no país fez ressurgir uma onda conservadora em que diversos grupos clamam pela volta da ditadura militar e, por consequência, uma necessidade de resposta das mídias com esse público.

Apresentaremos agora os quadros com os dados esquematizados de cada vídeo:

QUADRO 4: Vídeo “Ditadura Militar” Canal Mamaefalei.

Descrição do Vídeo	“Que tal questionar essa convicção de que o melhor caminho para o Brasil entrar nos eixos é por meio da intervenção constitucionalista ou ditadura militar?!”
Comentários	4.270 comentários

³³ “Instalada em maio de 2012, a CNV foi criada para apurar e esclarecer, indicando as circunstâncias e a autoria, as graves violações de direitos humanos praticadas entre 1946 e 1988 (o período entre as duas últimas constituições democráticas brasileiras) com o objetivo de efetivar o direito à memória e a verdade histórica e promover a reconciliação nacional.” Fonte: Relatório final da CNV. Disponível em <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br> Acesso em 24/07/2018.

Inscritos	1.149.080 inscritos
<i>Youtuber</i>	Arthur Moledo Do Val
Formação	Engenheiro Químico
Categoria do Vídeo	Pessoas e blogs
Sobre o Canal	“Desde que nascemos somos bombardeados por informações de como ver o mundo, como as coisas funcionam e como devemos agir. Será que não está na hora de termos mais propriedade no jeito em que escutamos, pensamos e falamos? Mas te convido, a gastar alguns minutinhos comigo para se informar, questionar e ver o mundo de uma forma muito diferente dessa nuvem de inércia em que vivemos...”
Criação do Canal	25 de maio de 2015

Fonte: Dados levantados pela autora no dia 24/07/2018, os links para os vídeos estão disponíveis nas referências bibliográficas.

QUADRO 5 “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia.

Descrição do Vídeo	“Entre 1964 e 1985 o Brasil passou por um dos momentos mais complicados de sua história. Não podíamos votar para presidente, músicas e jornais eram censurados, e aqueles que não concordavam com o governo, eram torturados e mortos! Ao mesmo tempo em que existia uma guerrilha treinada para combater esse governo com toda força e violência proporcional, era uma guerra! O Nostalgia de hoje relembra esse período que ficou marcado na história do país, o Regime/Ditadura Militar. Edição: Tucano Motion http://tucanomotion.com.br Roteiro - Rob Gordon, Felipe Castanhari e Caio Vinícius Pesquisa: Leonardo Souza”
Comentários	“Os comentários estão desativados para este vídeo.” ³⁴
Inscritos	11.165.842 inscritos

³⁴Há a possibilidade do dono do canal desativar os comentários em determinados vídeos.

<i>Youtuber</i>	Felipe Castanhari
Formação	Designer Gráfico
Categoria do Vídeo	Entretenimento
Sobre o Canal	“Ensinando e divertindo Vídeos novos quando der, coisas boas levam tempo!”
Criação do Canal	20 de setembro de 2008

Fonte: Dados levantados pela autora no dia 24/07/2018, os links para os vídeos estão disponíveis nas referências bibliográficas.

QUADRO 6 “Por que não Devemos ter Saudades da Ditadura Militar? | 5 Vídeos Absurdos”, Canal Poligonautas.

Descrição do Vídeo	“Hoje vamos explicar o que foi a ditadura militar e por que não devemos ter saudade dela. Fontes: SuaPesquisa, InfoEscola” ³⁵
Comentários	1.092 comentários
Inscritos	782.111 inscritos
<i>Youtuber</i>	Schwarza
Formação	Informação não encontrada
Categoria do Vídeo	Entretenimento
Sobre o Canal	“A vida é menos chata com os Poligonautas Olá, eu sou o Schwarza! Nesse canal eu abordo temas como Astronomia, missões da agência espacial americana (NASA) e europeia (ESO), e tudo o que tem a ver com o Cosmos. Também discuto Filosofia, Atualidades, You Tube e Tecnologia. E toda semana desvendo Misterios e Lendas da Internet envolvendo Alienígenas, UFOs, Fantasmas, Assombração e Teorias da Conspiração.”

³⁵ Não foram inseridos *links* destas páginas.

Criação do Canal	10 de setembro de 2011
------------------	------------------------

Fonte: Dados levantados pela autora no dia 24/07/2018, os links para os vídeos estão disponíveis nas referências bibliográficas.

QUADRO 7 “1964 - O golpe militar (Felipe Dideus)”, Canal Vamos Falar de História?

Descrição do Vídeo	“♣♣♣ RECOMENDO ♣♣♣ PORTAL F.E.B: http://www.portalfeb.com.br/ HERÓIS DA F.E.B: http://migre.me/nr5Jp SOLDADO BRASILEIRO: http://migre.me/num8D ”
Comentários	1.187 comentários
Inscritos	377.727 inscritos
<i>Youtuber</i>	Felipe Dideus
Formação	Informação não encontrada
Categoria do Vídeo	Entretenimento
Sobre o Canal	“Fala pessoal, sejam bem vindos ao canal Vamos Falar de História, aqui passaremos pra vocês a informação de uma forma simples e objetiva. E lembre-se ‘O talento do historiador consiste em compor um conjunto verdadeiro com elementos que são verdadeiros apenas pela metade.’”
Criação do Canal	12 de setembro de 2013

Fonte: Dados levantados pela autora no dia 24/07/2018, os links para os vídeos estão disponíveis nas referências bibliográficas.

QUADRO 8 “Ditadura Militar Brasileira (Felipe Dideus)”, Canal Vamos Falar de História?

Descrição do Vídeo	“♣♣♣ RECOMENDO ♣♣♣ PORTAL F.E.B: http://www.portalfeb.com.br/ HERÓIS DA F.E.B: http://migre.me/nr5Jp SOLDADO BRASILEIRO: http://migre.me/num8D
--------------------	--

	BRASIL MILITAR: http://migre.me/o9xsn ”
Comentários	919 comentários
Inscritos	377.727 inscritos
<i>Youtuber</i>	Felipe Dideus
Formação	Informação não encontrada
Categoria do Vídeo	Entretenimento
Sobre o Canal	“Fala pessoal, sejam bem vindos ao canal Vamos Falar de História, aqui passaremos pra vocês a informação de uma forma simples e objetiva. E lembre-se ‘O talento do historiador consiste em compor um conjunto verdadeiro com elementos que são verdadeiros apenas pela metade.’”
Criação do Canal	12 de setembro de 2013

Fonte: Dados levantados pela autora no dia 24/07/2018, os links para os vídeos estão disponíveis nas referências bibliográficas.

Foram selecionadas algumas imagens dos vídeos para ilustrar a forma com que aparecem as referências históricas como fotografias, documentos, vídeos da época, entre outros recursos. Estes são meios de validação de seus discursos em que os *youtubers* apostam e empregam para reforçar seus argumentos, na maioria das vezes fornecendo um produto final mais dinâmico que diferencia esse material do que é apresentado em sala de aula na grande maioria das instituições de ensino. Seguem os exemplos e comentários gerais sobre os vídeos no quesito de recursos midiáticos:

IMAGEM 1: “Por que não Devemos ter Saudades da Ditadura Militar? | 5 Vídeos Absurdos”, Canal Poligonautas.



No canal Poligonautas (imagem acima), são utilizados apenas fotografias e vídeos antigos (sem som) sobre o período ditatorial como forma de ilustração do discurso, e não há crítica documental. A narrativa dos acontecimentos ocorre sem o *youtuber* aparecer, portanto sem cenário além de utilizar os vídeos como sendo reproduzidos por algum *player*.

IMAGEM 2: “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia.



No canal Nostalgia, são utilizadas fotografias, vídeos antigos, músicas, jornais (tanto os televisivos quanto impresso), símbolos, mapas e trechos de filmes como forma de ilustração do discurso, e não há crítica documental. Normalmente com a configuração que é ilustrada pela imagem acima, mas também investe na narração sem aparecer o *youtuber*. Quanto ao cenário, há uma grande aposta do canal nisso como podemos observar e ao

comparar com os outros; além disso, os objetos ao fundo são referentes ao tema global do canal que é a nostalgia. Para os vídeos, músicas e jornais algumas vezes são utilizados com som, outras vezes não. Faz uso, também, de recursos como este da imagem abaixo, em que imita uma configuração de arquivo, apesar de não utilizar fontes arquivísticas para construir a narrativa.

IMAGEM 3: “Regime/Ditadura Militar / HISTÓRIA”, Canal Nostalgia.



No canal Vamos Falar de História? (imagem abaixo), os dois vídeos selecionados constroem seus argumentos com recursos midiáticos iguais. O canal aposta em mostrar o *youtuber* e intercalar com fotografias da época enquanto narra em tom jornalístico, assim não recorrendo aos vídeos e utilizando-os como forma de ilustração do discurso desprovido de crítica documental. É importante pontuar que é o único canal que já fornece no próprio vídeo a legendagem, no entanto não sabemos se esse uso é apenas uma forma para entender melhor o que é dito, ou para assistir o vídeo sem som, ou por preocupações de inclusão de pessoas deficientes auditivas.

IMAGEM 4: “Ditadura Militar Brasileira (Felipe Dideus)”, Canal Vamos Falar de História?



A única exceção, no vídeo “1964 - O Golpe Militar”, o canal Vamos Falar de História? utiliza uma vez a capa do jornal Última Hora para tratar das reformas de base do presidente João Goulart, não há crítica documental também. O cenário permanece o mesmo nos dois vídeos, com o computador atrás do *youtuber* exibindo alguma imagem referente ao tema do vídeo.

IMAGEM 5: “1964 - O golpe militar (Felipe Dideus)”, Canal Vamos Falar de História?



Por fim, o canal Mamaefalei é o que não opera com recursos na construção da sua narrativa. O vídeo inteiro apresenta a mesma configuração da imagem abaixo, apenas o *youtuber* narrando o seu entendimento do período ditatorial brasileiro em uma parede branca.

IMAGEM 6: Ditadura Militar” Canal Mamaefalei.



Neste capítulo, buscamos historicizar a rede social do *YouTube*, para assim entendê-la como fonte histórica. Com isso, apresentamos também outras pesquisas que realizam a tentativa de utilizar a plataforma como fonte de pesquisa. Além disso, tratamos das funcionalidades da rede apresentando o que são os comentários, as curtidas, os compartilhamentos, também os filtros de busca, categorias e a ideia de engajamento. No segundo subcapítulo, desenvolvemos uma proposta de análise metodológica para fontes do *YouTube*, uma vez que na bibliografia levantada isso ainda não foi realizado. No terceiro subcapítulo, foram apresentados os sete vídeos selecionados para essa monografia, mostrou-se necessário identificar quem são os produtores dos conteúdos desses vídeos e qual o contexto em que foram produzidos. Finalmente, selecionamos imagens dos vídeos como forma de ilustrar o reconhecimento de recursos midiáticos na construção da narrativa sobre o período; apontamos duas constatações que foram feitas logo no primeiro contato com essas fontes: a fragilidade do embasamento teórico na produção dos vídeos selecionados, e, da mesma maneira, tornou-se explícita a disparidade de gênero nos produtores de conteúdo científico.

CAPÍTULO 2 - ATRAVESSAMENTOS DA PESQUISA

No presente capítulo, pretendemos abordar três pontos fundamentais para o trabalho no sentido de que possamos lançar luz de forma mais teórica sobre o que significa pesquisar vídeos do *YouTube* que tratam sobre a ditadura civil-militar brasileira. Os atravessamentos possíveis serão os tópicos trabalhados neste momento, sendo assim, no primeiro ponto, apresentaremos um breve debate historiográfico sobre a ditadura civil-militar brasileira; no segundo, dedicaremos a explorar a História Digital e História Pública como campos de pesquisa; por fim, no terceiro, examinaremos os usos do passado e a pseudociência.

2.1 Debate historiográfico: Ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e *YouTube*

No intuito de compreender que tipos de narrativas sobre a ditadura civil-militar brasileira estão sendo construídas atualmente, é fundamental estabelecer as similitudes e as diferenças entre o debate produzido nas instituições de ensino por meio da historiografia e os debates levantados no *ciberespaço*, principalmente no *YouTube*. Foram selecionados para essa pesquisa textos recentes de dois historiadores sobre debates historiográficos (Fico, 2017; Joffily, 2018) para suscitar questões levantadas presentes nos vídeos escolhidos. Gostaríamos de assinalar que não se trata de hierarquizar esses conhecimentos e nem realizarmos juízo de valor sobre o objeto de pesquisa, mas, sim, buscar entender essas aproximações e distanciamentos.

Apenas recentemente, como pontua Mariana Joffily (2018), se estabeleceram pilares no debate historiográfico sobre o período ditatorial brasileiro. A autora seleciona e desenvolve em seu artigo alguns deles: “o caráter do golpe, a natureza do regime, a relação da sociedade civil com a ditadura, o papel da luta armada e a periodização da ditadura” (Joffily, 2018, p. 207). Na produção de Carlos Fico (2017), o autor seleciona os seguintes tópicos: acusações de revisionismo entre historiadores³⁶, a luta armada, retroalimentação entre luta armada e repressão, denominação e periodização do golpe e do regime e a saída da ditadura como projeto de longa duração e maturação pouco influenciado pelos setores de oposição ao regime (Fico, 2017, p. 7).

Em vista disso, elencamos cinco assuntos que estão presentes no âmbito acadêmico - por meio das pesquisas historiográficas acima citadas - e buscamos observar nos vídeos se estes discorrem sobre esses tópicos. São eles: 1) Caráter do golpe (civil ou/e militar); 2)

³⁶ E suas subseções: “1.1) tacham João Goulart de golpista, 1.2) questionam o caráter democrático da esquerda dos anos 1960, 1.3) lançam mão do conceito de cultura política e 1.4) não utilizam o conceito de classe social” (Fico, 2017, p. 7)

Natureza do Regime; 3) Nomenclatura (Regime ou Ditadura); 4) Periodização; e 5) Qual a perspectiva sobre luta armada?

No que tange o segundo tópico, sobre a natureza do regime, podemos fazer duas diferenciações: 1) Foi um regime ou uma ditadura (Canal Mamaefalei e Canal Nostalgia); 2) Se a ditadura recebeu ou não apoio dos civis na sua implementação e sustentação (Canal Nostalgia e Canal Poligonautas). Para Carlos Fico (2017), essas questões quando abordadas no âmbito acadêmico, tratam-se de “Polêmicas supérfluas (apoio civil), nominalistas (ditadura militar ou civil-militar?), mal formuladas (novas periodizações, deslocamento de sentido) ou irrelevantes (revisão, caráter de classe) dificultam debates necessários”³⁷. Sendo assim, no ponto de vista deste historiador,

O regime subsequente foi inteiramente controlado pelos militares, de modo que adjetivá-lo em ressalva (“foi militar, mas também civil” ou empresarial ou o que seja) é supérfluo e impreciso – além de ter, como tudo mais em História do Tempo Presente, imediata implicação política: nesse caso, justamente por causa dessa adversatividade, a conotação é de redução da responsabilidade dos militares. (Fico, 2017, p. 53)

O historiador não nega o apoio civil sobre a ditadura, mas pontua que este apoio se restringiu ao golpe militar de 1964 e que o regime subsequente foi controlado apenas por militares³⁸. Compreendemos que Carlos Fico trata exclusivamente do debate historiográfico na universidade, mas acreditamos que deveríamos estender esses debates para um entendimento público. Ou seja, buscar compreender as disputas de narrativas criadas pelo público por meio de como estes recebem as construções historiográficas advindas do âmbito acadêmico superior e básico. Não presumimos que essa discussão é supérflua se ela permanece presente e gera interesse por parte da sociedade como um todo.

Além do mais, a disputa entre termos também se insere no campo político. Portanto, ao assumirmos que um determinado período foi uma ditadura, estamos também corroborando para denunciar práticas que feriram a democracia. Esse debate se soma com outra temática

³⁷ Retirado da notícia que cita a publicação no *Facebook* do historiador na época em que o artigo foi disponibilizado. Disponível em Café História <https://www.cafehistoria.com.br/ensaio-sobre-ditadura-militar/> Acesso em 16/08/2018.

³⁸ Não é o intuito deste tópico abordar se concordamos ou não com as colocações do autor, mas acreditamos que essa separação não condiz com a realidade do período ditatorial e nem que afirmar o caráter civil retira a responsabilidade militar pela ditadura. Os civis foram fundamentais no pré-golpe, nos primeiros anos e também na consolidação do regime por meio de apoio (financeiro, moral, político) e até, como pontua Rodrigo Pato Sá Motta (2016), na construção de uma acomodação. Acreditamos, no entanto, que a divisão de classe não é necessária (representada pela historiografia como: empresarial-militar), uma vez que a classe empresarial e midiática estejam representadas pelo civil, e o civil abarcaria ainda mais setores sociais. Por fim, sustentamos que um regime não é passível de ser prolongado apenas por um setor e que é necessária um grau de conivência da sociedade para que a ditadura funcione, principalmente por vinte e um anos. Nesse sentido, há um capítulo inteiro no volume II do Relatório da Comissão Nacional da Verdade apontando alguns dos grupos civis que colaboraram com a ditadura, capítulo 8: “Civis que colaboraram com a Ditadura”, disponível em <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/Volume%202%20-%20Texto%208.pdf> Acesso em 17/08/2018.

sensível no campo da história, a escravidão no Brasil, em que há um grande movimento para que a palavra “escravos” seja substituída por “escravizados” porque este termo não essencializa as pessoas negras e promove uma maior autonomia desses sujeitos dentro do sistema escravagista³⁹. Dito isso, é necessário afirmarmos que existem diversos tipos de regimes políticos: democrático, representativo, diretos, autoritários, totalitários e autocracias; portanto, a ditadura é um tipo de regime, mas tratá-la principalmente por esse termo específico reforça o viés da denúncia⁴⁰. Nesse sentido, consideramos importante, através tanto do exemplo da ditadura quanto da escravidão, que a escrita e a fala sejam coerentes com as formas com que compreendemos o mundo seja períodos históricos, seja os outros.

Na controvérsia entre ser regime ou ditadura, observa-se que há superação ou desconhecimento da ideia de revolução ou contrarrevolução no caráter do golpe de 1964 por parte dos *youtubers*. Isso se deve principalmente a questões geracionais em que muitos desses jovens não eram nascidos na época dessa ideia na construção social sobre o período ditatorial (Cardoso, 2011). Mariana Joffily ressalta que a popularização da nomeação, entre regime e ditadura, data dos anos 2000 com o jornalista Elio Gaspari,

Entre 2002 e 2004 Elio Gaspari lançou quatro obras, todas com o termo no título. A expressão fora utilizada pelo sociólogo Florestan Fernandes (1982), porém era empregada parcimoniosamente pela bibliografia, que na maioria das vezes lançava mão preferencialmente da expressão “regime militar”, mais neutra do ponto de vista político. Depois das obras do conhecido jornalista liberal, contudo, houve uma generalização do termo “ditadura” e “regime militar” assumiu ares de expressão conceitualmente imprecisa e politicamente insípida. (Joffily, 2018, p. 231)

Sobre ser ou não ditadura, Arthur do Val, *youtuber* responsável pelo Canal Mamaefalei, inicia o vídeo com essa polêmica; primeiramente, apresenta uma definição de dicionário sobre o que é ditadura, para depois explicar que na Grécia antiga e no Iluminismo o acúmulo de poder não era algo benéfico para a sociedade. Aborda a criação dos três poderes (Judiciário, Executivo e Legislativo) e afirma que houve ditadura, pois havia a supremacia do poder executivo sob os outros, sendo assim, mesmo que não houvesse um ditador, existia um conjunto de pessoas que controlava o país. São necessárias duas observações sobre isso: primeiro que a visão política deste *youtuber* é liberal, ou seja, seria incoerente a propagação de ideias ditatoriais e, em segundo lugar, nesta fala, verificamos o que significa no imaginário popular “ser um ditador”.

³⁹ Para saber mais sobre isso: Elizabeth Harkot-de-La-Taille e Adriano Rodrigues dos Santos. “Sobre Escravos e Escravizados: Percursos discursivos da conquista da liberdade. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012. Disponível em https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABETH.pdf Acesso em 17/08/2018.

⁴⁰ Mais sobre os tipos de regimes políticos acessar a página do Projeto Politiquê disponível em <http://projetopolitique.com.br/quais-sao-os-principais-tipos-de-regimes-politicos/> Acesso em 17/08/2018.

Ainda nesse debate, constatamos que a posição do Canal Nostalgia se assemelha a construção de Marco Antonio Villa sobre a “ditadura à brasileira”. Para Villa, “Não é possível chamar de ditadura o período 1964- 1968 (até o AI- 5), com toda a movimentação político- cultural. Muito menos os anos 1979- 1985, com a aprovação da Lei de Anistia e as eleições para os governos estaduais em 1982” (Villa, 2009 *apud* Joffily, 2018, p. 236). Logo no início do vídeo, antes mesmo do *youtuber* Felipe Castanhari aparecer, surge um quadro explicando qual denominação é a correta (ditadura ou regime) e afirma que na verdade os dois estão corretos - salienta, também, que não podemos esquecer o caráter civil do regime/ditadura, pois havia civis no governo⁴¹ - e que, na verdade, vivíamos uma “pseudo-democracia”⁴² uma vez que era possível votar para senador e deputados estaduais e federais. No reforço do estereótipo da “ditabranda”, o canal afirma que apenas houve ditadura depois da outorga do ato institucional número cinco (AI-5) em 1968, assim como sugere que a tortura tenha ocorrido apenas depois deste fato.

Muito do que os *youtubers* abordam em seus vídeos não podem ser classificadas como errados, mas sim como discussões rasas sobre temáticas que são desconhecidas por eles. Apesar das intenções da maioria de se posicionar a favor de visões democráticas, em muitos momentos acabam por perpetuar mitos que por vezes já foram superadas no âmbito historiográfico. Mencionar, por exemplo, que era possível votar para senador e deputados, mas sem aprofundar que essas eleições foram construídas de modo a favorecer o regime - sem mencionar artimanhas como a Lei Falcão e o Pacote de Abril -, transformam essas informações em questões encobertas por generalizações⁴³. De fato, não há como depreender desta análise se isto é baseada na reprodução de mitos ou apenas ignorância dos *youtubers* na construção de seus roteiros.

Exemplo dessa generalização também se apresenta no Canal Vamos Falar de História? e no Canal Poligonautas; ambos os canais afirmam que a pena de morte foi legalizada no país na época da ditadura civil-militar brasileira sem desenvolver mais sobre isso, no segundo

⁴¹ Cabe pontuar também a visão de que o civil é válido apenas quando ocupa cargos de poder no governo e não o apoio civil em suas mais diversas facetas e áreas.

⁴² Não entraremos no mérito de discutir a utilização da palavra pseudo antes de democracia, mas é proveitoso o questionamento do entendimento do que consiste a democracia, se esta é apenas exercer o poder de voto como fica subentendido no vídeo. Ainda, não compreendemos como algo pode ser “pseudo-democrático” haja vista que a democracia não é algo que se pode ter/viver pela metade.

⁴³ Há uma publicação da página da Câmara dos Deputados que comenta mais sobre essas artimanhas. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/150573-ANOS-60-E-70-DITADURA-E-BIPARTIDARISMO.html> Acesso em 16/08/2018.

canal, ainda, apontando que foi a Lei de Segurança Nacional⁴⁴ (1967) que a determinou. O fato é que a pena de morte foi promulgada no Ato Institucional de número 14 em 1969⁴⁵, mas nunca foi aplicada de fato, houve três pessoas condenadas, mas que tiveram suas penas convertidas em prisão perpétua -. Reconhecemos que o Estado brasileiro assassinou muitas pessoas no período, no entanto ninguém foi sentenciado à morte a partir desta lei específica.

Nesta perspectiva, pensamos que a “História única” a partir de Chimamanda Adichie nos provê uma ideia do perigo de contar histórias que não se preocupam com a totalidade do conhecimento sobre algo/alguém/algum lugar e perpetuam estereótipos em que o maior problema não é que sejam errôneos, mas que sejam incompletos⁴⁶. Mesmo que a intelectual mencionada se refira ao colonialismo e formas de dominação cultural-histórica, pensamos que esse conceito também nos agrega nesta análise; a maioria desses *youtubers* não dispõe de um aprofundamento de pesquisa capaz de fornecer outros caminhos para a história da ditadura e cometem a mesma “falha” da educação formal tradicional que cinge quase sempre em torno do elenco de presidentes-ditadores e atos institucionais, consequentemente, oferecendo apenas um novo suporte multimídia para velhas narrativas.

No que tange o debate acadêmico, ainda é uma dificuldade para os historiadores compreenderem a ditadura sob um espectro mais plural, ou seja, os estudos voltam-se para o eixo Rio-São Paulo e são generalizadas como História do Brasil, e o entendimento de outras cidades e especificidades são compreendidas como “história regional”. É o caso da publicação do artigo de Carlos Fico (2017), produzindo um levantamento do debate historiográfico sobre a ditadura brasileira voltando-se exclusivamente para o sudeste do Brasil. Ainda, os próprios *youtubers* optam por focar no eixo Rio de Janeiro-São Paulo - em alguns momentos mencionam Minas Gerais principalmente no que se refere os anos iniciais da ditadura civil-militar brasileira. Um equívoco de um desses vídeos, por exemplo, é que no momento que o *youtuber* Filipe Dideus (vídeo intitulado Ditadura Militar Brasileira) está falando sobre manifestações no ano de 1968 nestes estados, é inserida uma imagem da cidade de Porto Alegre nas manifestações pelas Diretas Já! em 1984. Além de não disponibilizar a fonte de onde foi retirada a imagem (algo que ocorre em todos os vídeos e dos outros canais também),

⁴⁴ Lei de Segurança Nacional (nº 314, de 13 de março de 1967. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-314-13-marco-1967-366980-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 20/08/2018

⁴⁵ Ato Institucional Nº.14 (de 5 de setembro de 1969). Disponível em http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/AIT/ait-14-69.htm Acesso em 20/08/2018.

⁴⁶ Conferência “O perigo da história única” por Chimamanda Ngozi Adichie no *TEDGlobal* 2009. Disponível em https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt Acesso 16/08/2018.

mostra-se evidente o desconhecimento do local, ano e circunstância em que essas fotografias foram feitas.

Sobre a questão da periodização, os vídeos em sua grande maioria permanecem com a clássica periodização de 1964 até 1985. Mesmo não se tratando exatamente sobre a periodização da ditadura civil-militar brasileira, é válido comentar o esforço do canal Nostalgia ao realizar um retorno para entender a conjuntura de 1964, voltando ao período da Guerra do Paraguai - para explicar as motivações militares - e também do Governo João Goulart - mais comum na apresentação dos outros *youtubers* também. Observamos que há certa dificuldade dos produtores de conteúdo em localizar cronologicamente as manifestações das Diretas Já! (1983-1984), como é o caso dos vídeos do canal Poligonautas e do canal Mamaefalei, o primeiro situa o movimento no governo Geisel e o segundo entre os governos Sarney e Collor.

No que tange a perspectiva sobre a luta armada, todos os vídeos realizaram uma abordagem sobre essa temática, salvo o vídeo sobre o golpe de 1964 (canal Vamos Falar de História?). No vídeo do canal Nostalgia, o *youtuber* fala que a esquerda armada também fez vítimas e relata alguns casos, e completa: “Então assim, estava rolando excesso dos dois lados, da esquerda e também da direita – dos militares – é claro, um pouco mais dos militares” (Canal Nostalgia, 2016). Diz que a guerrilha urbana matou, mas em um número muito menor que o Governo, no entanto, não deixa de culpar a esquerda pelo endurecimento do regime. Nesta discussão ainda, é o único que aborda o embate historiográfico, se os guerrilheiros queriam o retorno da democracia ou a revolução socialista, para ilustrar o seu ponto de vista é inserido um vídeo do político Eduardo Jorge que relata que no período se lutava por uma ditadura do proletariado⁴⁷. Dessa forma, Felipe Castanhari diz

Independente de suas motivações a galera da esquerda armada fizeram ataques muito grandes. Um deles foi o roubo do cofre de Adhemar de Barros, que era considerado um dos políticos mais corruptos do país. O assalto foi feito pelo grupo Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, quem fazia parte desse grupo também era a Dilma. Dilminha, paz e amor!. Ela inclusive era uma das pessoas mais procuradas pelo governo. Bem, Dilma foi presa em 1970 e foi torturada por vários dias. Outra ação que é lembrada até hoje, é o sequestro do embaixador americano. Os militantes de dois grupos revolucionários capturaram o cara e exigiram a libertação de 15 presos políticos. O governo cedeu e os prisioneiros foram libertados. Quem participou desse sequestro foi o Fernando Gabeira, que depois se tornaria jornalista e político, né? um dos fundadores do partido verde. Entre os que saíram da prisão, por causa disso, estava o José Dirceu, que depois seria político do PT. Uma das vitórias mais violentas da esquerda armada nessa época, foi o assassinado do empresário dinamarquês Henning Albert Boilesen, ele era acusado de ser agente da CIA e de participar de sessões de tortura e de repressão, ele foi

⁴⁷ O vídeo mencionado está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=H5h4xW558hk> Acesso em 26/09/2018

fuzilado na rua. Então dava pra ver qual que era o cenário naquela época. Respondiam violência com mais violência e era uma guerra. (Canal Nostalgia, 2016)

Por fim, diz que o governo Médici conseguiu eliminar quase todos os focos de luta armada da esquerda, cita a história da Guerrilha do Araguaia e o assassinato de figuras importantes da esquerda como Carlos Lamarca e Carlos Marighella. Já no canal Mamaefalei, o *youtuber* situa a luta armada contra a ditadura civil-militar apenas após o período de 1968, e fala que

Nessa época começou todos os tipos de luta contra a ditadura, desde as mais justas, vamos dizer assim, que é panfletagem, pessoal passando informação ainda que contra a lei, fazendo propaganda, entre aspas, contra a ditadura. Ou como as mais extremas, as erradas, vamos dizer assim, sequestro de embaixador, guerrilha, enfim esse tipo de atitude de comunista mesmo. (Canal Mamaefalei, 2016)

Notamos que há uma opinião por parte do *youtuber* ao dizer que há lutas mais justas que outras, colocando assim que as lutas de guerrilheiros seriam negativas e as panfletagens seriam as formas corretas de se protestar contra um governo ditatorial. No canal Vamos Falar de História?, por sua vez, aponta que nos anos 70 as organizações guerrilheiras começaram a realizar assaltos a bancos e sequestros de embaixadores para serem trocados por presos políticos e também cita o caso da Guerrilha do Araguaia. No vídeo do canal Poligonautas, diz-se que no governo Costa e Silva a oposição ao regime cresceu e cita greve de operários, dessa forma para o *youtuber* o “Descontentamento com o governo estimulou a criação de guerrilhas urbanas formadas por jovens idealistas de esquerda que assaltavam bancos e sequestravam embaixadores para obterem fundos para a criação de uma oposição armada” (Canal Poligonautas, 2015). Subentende-se, pela fala do *youtuber*, que essas guerrilhas teriam causado uma reação no governo ditatorial, gerando o Ato Institucional 5; assim como, a promulgação da Lei de Segurança Nacional teria a ver com o sequestro do embaixador americano. Observamos que na maioria dos vídeos há uma constatação de que a culpa pelo endurecimento do regime estava relacionado com a disseminação dos grupos de luta armada; sabe-se que não é possível admitir isso e nem o contrário - que a partir da radicalização do regime houve uma resposta radical por parte da esquerda (Almeida, 2013).

Este tópico desenvolveu uma abordagem entre as conexões das discussões do espaço acadêmico e os debates na esfera do *YouTube*. Percebemos, dessa forma, que muitos dos assuntos acerca da ditadura civil-militar brasileira estão presentes nesses dois âmbitos e que podem se relacionar como os pontos elencados: caráter do golpe, natureza do regime, nomeação, periodização e luta armada. Percebe-se, então, que há um alargamento de discussões que não ficam mais restritas aos historiadores acadêmicos e perpassam por espaços públicos como o *YouTube*. No próximo tópico, veremos como o público no âmbito digital se insere nos atravessamentos desta pesquisa.

2.2 História pública e história digital: Campos de pesquisa⁴⁸

Após revisar alguns debates historiográficos sobre a ditadura civil-militar brasileira, este segundo tópico tem como função detalhar de que maneira os campos da história digital e da história pública incidem sob o objeto de pesquisa. Por se tratarem de áreas recentes na pesquisa acadêmica em história, acreditamos que é interessante iniciarmos por sua definição para que depois haja uma reflexão teórica sobre os vídeos selecionados.

Nesta perspectiva, podemos caracterizar a História Pública como uma área conhecida por ser um guarda-chuva conceitual uma vez que aborda questões como usos da memória/passado (incluindo apropriações midiáticas, literárias e artísticas), demanda social sobre alguns temas (como a ditadura civil-militar brasileira), percepção pública da história, divulgação científica, entre outras (Santhiago *in* Mauad & Almeida & Santhiago, 2016). Dessa forma, caracterizamos a História Pública como o estudo da forma com que adquirimos nosso senso de passado, e como estes tempos são apresentados publicamente (Liddington *in* Almeida & Rovai, 2011, p. 34). Para Santhiago, então, existem quatro tipos de engajamentos - e que podem se entrecruzar - “a história feita para o público (que prioriza a ampliação de audiências); a história feita com o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de ‘autoridade compartilhada’ é central); a história feita pelo público (que incorpora formas não institucionais da história e da memória); e história e público (que abarcaria a reflexividade e a autorreflexividade do campo)” (2016, p. 28).

Portanto, pensando as fontes selecionadas para a pesquisa, podemos localizá-las no espectro da história feita pelo público, uma vez que não se tratam de historiadores de formação abordando o tema. Isso também tem a ver com a seleção feita por nós, pois existem vídeos que abordam a história da ditadura civil-militar brasileira no formato de vídeo-aulas e nestes a maioria é ministrada por pessoas com graduação na área. Ainda, os vídeos fazem parte de uma escolha para compreender as formas de usos do passado da ditadura civil-militar, as concepções de percepção pública sob esse tema e, também, se é possível situá-los na categoria de divulgação científica do conhecimento histórico, algo que pretendemos aprofundar no próximo tópico.

Outra questão importante de se situar é o reconhecimento de que a ditadura civil-militar tornou-se um tema que nos últimos anos tem levantado diversas discussões políticas e sociais, surgindo, assim, uma demanda pública por debates sobre o período. Como

⁴⁸ Em trabalho de conclusão de curso anterior a este abordei também sobre como esses campos são fundamentais para a área de ensino de história. Carneiro, Anita Natividade. Caminhos da Ditadura em Porto Alegre: Ensino de história através da tecnologia digital. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2018. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/182395> Acesso em 25/09/2018

observamos no primeiro capítulo, a data de postagem dos vídeos se localizam entre dezembro de 2014 e maio de 2016, e podemos lançar a hipótese de que dois eventos, ambos em 2014, colaboraram para que ocorresse um reflexo disto no *YouTube* e nos seus produtores de conteúdo, sendo estes os cinquenta anos do golpe de 1964 e a entrega do relatório da Comissão Nacional da Verdade em dezembro de 2014.

Retornando para a conceituação de História Pública, a área se baseia em dois grandes aspectos: a colaboratividade e a transdisciplinaridade. A colaboração faz parte de uma necessidade de conexão de comunidades com interesses em comum e que pretende favorecer uma construção conjunta de uma história e/ou memória. No que tange a transdisciplinaridade, a História Pública tem como objetivo fundamental unir-se com outras áreas para assim produzir conhecimentos que levem em conta questões presentes também no jornalismo, design, na biblioteconomia, na museologia, na arquivologia, nas ciências sociais, na informática, entre tantas outras (Liddington *in* Almeida & Rovai, 2011, p. 47). Assim, o passado não é algo passível de exclusivo controle por parte dos/das historiadores/as, a História Pública busca incluir e ser democrática quanto a isso, “com ênfase não na ‘compra’ do profissionalismo de uns poucos historiadores, mas sim nas muitas pessoas tendo acesso às suas próprias histórias, com os historiadores ajudando a ‘devolver às pessoas a sua própria história’” (Liddington *in* Almeida & Rovai, 2011, p.42). Nesse sentido, o papel do/da historiador/a está em orientar uma busca por maior discernimento social sobre temas históricos, bem como promover formas de investigação e pensamento crítico por parte do público.

De antemão, precisamos então pensar que os objetos analisados se encontram na categoria em que não há intermédio do historiador e da historiadora na sua produção, no entanto, não é nesse ponto que jaz nosso “problema”. Este “problema” é o aprendizado de história sobre os vídeos, ou seja, de que forma ocorre a recepção pública sobre eles. Sabemos que a *internet* é local de muita informação, mas também de muita desinformação sobre diversos temas e que colaboram para uma visão pseudocientífica da história. Sendo assim, acreditamos que o ofício dos/as historiadores/as nesse cenário seria de mediar e propor a crítica às fontes, não apresentando um contraponto binário reducionista entre verdadeiro/certo e falso/errado, mas que aqueles que buscam estes vídeos sejam capazes de pensar por si próprios e fazer a crítica documental no que está sendo apresentado por esses *youtubers*.

Esses debates nos levam ao segundo ponto deste tópico, a História Digital. Para fins de compreensão inicial, mesmo que ainda não haja uma definição consensual (Carvalho, 2014, p. 169), entendemos a história digital como uma lente para enxergar o passado que

perpassa pelas tecnologias digitais modificando de forma permanente a forma com que se ensina e se pesquisa história. Dessa maneira, afirmamos que ao produzir história digital estamos possibilitando que as pessoas “possam experimentar, ler e acompanhar um argumento acerca de um problema histórico” (Carvalho, 2014, p. 187) em locais diferentes que não apenas arquivos e museus, por exemplo. Isso se conecta aos objetos de pesquisa de maneira que os vídeos disponibilizados no *Youtube* são novas fontes para pesquisa e propagação do conhecimento histórico sobre a ditadura civil-militar brasileira.

Ademais, as tecnologias digitais proporcionam uma miríade de narrativas, principalmente se pensarmos na plataforma do *YouTube* e seu *slogan Broadcast Yourself*, em que o interessante é o ponto de vista individual daquele canal e daquele produtor de conteúdo sobre determinados assuntos. Isto posto, compreende a *internet* aquele que observa a multiplicidade de formas de enxergar um mesmo objeto, sendo que nada pode ser dito como errado ou certo e, sim, pensar “por que essa pessoa diz isso?” ou “por que essa pessoa não revela outro dado?”, mas isso só é possível de ser questionado por quem está acostumado com a investigação histórica (algo que deveria ser ensinado nas instituições de educação básica, por exemplo).

Conseqüentemente, para as historiadoras e os historiadores - com as novas maneiras de produção de outras fontes que não existiam antes da *internet* e também na disponibilização de fontes digitalizadas - uma práxis diferente é necessária como pesquisas em acervos digitais, análise de imagens e vídeos, assim como estudo de *sites*, redes sociotécnicas e plataformas são exemplos (Fickers, 2012, p. 7 *apud* Costa & Lucchesi, 2016, p. 2 e 3). Destacamos, neste momento, a diferença entre História Digital e História Digitalizada, a primeira extrapola a digitalização de arquivos, que configura o segundo tipo. Portanto, História Digital tem como preocupação principal a representação do passado através das tecnologias digitais (Sedrez, 2013 *apud* Costa, 2015). Assim como há diferença entre História Digital e Humanidades Digitais, sendo esta segunda não um trabalho epistemológico, ou seja, de mudança da prática histórica no universo digital, mas se assemelha apenas a digitalização de fontes ou no uso das tecnologias para a divulgação, produção e ensino da história (Telles, 2017, p. 95). Refletindo esse debate sobre o *YouTube*, inicialmente diríamos que se trataria apenas de um caso das humanidades digitais, no entanto, essa plataforma possui características próprias que seriam impossíveis de serem reproduzidas fora do contexto digital, alterando de fato a prática histórica uma vez que precisamos lidar não apenas com o relato oral, mas com todo o engajamento do público que assiste esses vídeos.

Ao longo dessa exposição, caracterizamos a história pública e a digital, no entanto, ainda há a intersecção desses dois campos chamada de História Pública Digital⁴⁹ (Noiret, 2015). Em artigo publicado no ano de 2017, pontuei de que forma a História Pública Digital se distingue de uma História Pública

a História caracterizada como pública e digital, conta com o caráter da colaboratividade nas redes da *web*. Já a História caracterizada como apenas digital, é feita atualmente através das novas tecnologias comunicacionais e podem ter mediação de historiadores, mas não necessariamente o modo que foi concebida e o público para a qual se dirige, tenham aspectos que se caracterizem como História Pública. (Carneiro, 2017, p. 146)

Ou seja, uma História Pública está comprometida indispensavelmente com o público, o que não ocorre em todas as áreas da História Digital. Este é o caso do objeto de pesquisa do presente trabalho, uma vez que essa conexão entre público e digital estão presentes na produção dos vídeos do *YouTube*, mesmo que não tenham sido produzidos por historiadores e historiadoras existe uma grande preocupação pelo formato e como atingir o/um público.

2.3 Usos do passado e pseudociência histórica

Segundo Caroline Bauer e Fernando Nicolazzi, nos últimos anos a pergunta “para que serve a história?” transformou-se em “de que forma a história é usada?” (2016, p. 819). Sendo assim, a partir dessa reflexão, neste tópico desenvolveremos reflexões sobre os usos do passado e de que forma eles estão conectados com a propagação de vídeos sobre a ditadura civil-militar brasileira no *YouTube*. Em seguida, abordaremos a pseudociência e o entendimento do que caracteriza a História como ciência⁵⁰ para nos aproximar da ideia de divulgação científica.

Inicialmente, faz-se necessário conceituar o termo de usos do passado ou usos públicos/políticos da história. Podemos dizer, então, que se trata do estudo sobre a compreensão da veiculação de algum assunto histórico para além do público acadêmico (Kállas, 2017, p. 136); esse estudo se encontra, dessa maneira, em uma das áreas da História Pública que seria pesquisar a produção feita pelo público. Para Helenice Rocha, existem as seguintes esferas de usos do passado: 1) História acadêmica, produzida e voltada para os pares; 2) História produzida para o grande público, “sintonizada com o mercado cultural,

⁴⁹ Há um extenso debate na área para definir se a História Digital é ou não um sub-ramo da História Pública, sobre isso ver Carvalho, 2014, p. 170; Grinberg, 2011, sem paginação *apud* Costa, 2015, p.158; Lucchesi & Carvalho *in* Mauad & Almeida & Santhiago, 2016.

⁵⁰ Compreendemos que há diversos debates acerca do questionamento se História é o não ciência. Nesse momento também faz-se necessário uma posição sobre estas questões, sob o nosso ponto de vista, a História é uma ciência com metodologias próprias, mas nem por isso ela precisa ser vista como algo estático e carregada de uma dureza em suas teorias e métodos. Muito menos que acreditamos em uma neutralidade e objetividade ou até mesmo que esta não pode ser carregada de um sentido político e combativo em sua escrita.

buscando por meio de diferentes recursos da comunicação social a conexão entre o conhecimento histórico rigoroso e as diversas demandas sociais por entretenimento, conforto e cultura”; 3) Uma variante da segunda, mas com fins políticos na luta por direitos sociais; e 4) História escolar (Rocha, p. 49 *in* Magalhães, *et. al.*, 2014). O presente objeto de pesquisa se encaixaria na segunda definição, a história que é produzida visando um grande público, no entanto não está necessariamente comprometida com o conhecimento histórico rigoroso, como conceitua a autora.

O passado, como afirma Halbwachs (1990 *apud* Puhl & Araújo, 2012, p. 708), sempre será uma construção e reconstrução social no tempo presente e que está suscetível à disputas. Historiadoras e historiadores constroem o passado a partir do momento atual, mas também os próprios *youtubers* produzem um tipo de história que se faz por meio de demandas do presente e de seus próprios públicos. Dessa maneira, Huyssen aposta que “Se reconhecemos a distância constitutiva entre a realidade e a sua representação em linguagem ou imagem, devemos, em princípio, estar abertos para as muitas possibilidades diferentes de representação do real e de suas memórias” (Huyssen, 2004, p. 22), ou seja, precisamos estar abertos a esses novos tipos de representação do real provenientes das redes sociotécnicas.

Christian Laville (1999), por exemplo, já alertava sobre a importância que o ensino de história tinha/tem para muitos governos com as chamadas “guerras de narrativas”. Em vista disso, as formas com que se escolhe construir o passado são influenciadas diretamente por posições políticas. Os usos do passado também se encontram a serviço de propagar alguma ideia ou, até mesmo, como no caso de alguns dos vídeos selecionados, afirmar-se como um agente “neutro” que conta a história da ditadura civil-militar. Nesse sentido, selecionamos e transcrevemos um trecho em que essa ideia aparece, assim como uma compreensão de *historia magistra vitae*

Não podemos ignorar o momento político que estamos vivendo atualmente em nosso país. E um vídeo sobre ditadura militar agora é muito importante. Não estou falando isso pois vou me posicionar politicamente nesse vídeo não. Esse vídeo será um vídeo neutro. A ideia de verdade desse vídeo é eu trazer informação, como eu falei no vídeo do Hitler é muito importante que a gente veja a História, aprenda sobre a História para a gente não correr o risco de cometer os mesmos erros já relatados e documentados. Vamos aprender com os nossos erros para não cometê-los novamente. (Nostalgia, 2016)

Concebemos, então, que a partir da situação atual no país, muitas pessoas se consideram “apolíticas” ou “neutras”, em vista de que se associa para muitos setores da sociedade que ser político é ser algo necessariamente ruim, corrupto ou imparcial. A neutralidade ou imparcialidade, portanto, “tende a evitar afirmações polêmicas, interpretações sensacionalistas e teorias de conspiração” (Pereira, 2015, p. 867). Como historiadores e historiadoras, sabemos

que não existe uma história neutra, assim como não existe discurso neutro, como afirma Céli Pinto: “Todo discurso é um discurso de poder, na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico ou de uma área da ciência, da moral, da ética, do comportamento, etc.” (Pinto, 2006, s.p.).

Por mais que esses produtores de conteúdos vinculados à plataforma do *YouTube* busquem uma pretensa neutralidade, eles não conseguirão atingi-la. Ainda, por meio dessa retórica, acreditamos que até desrespeitem o público ao qual se dirigem, pois não são capazes de estruturar uma das bases do conhecimento histórico: a construção compartilhada respaldada no debate democrático que visa expandir sentidos comuns e o respeito ao posicionamento político do outro⁵¹. Paulo Freire expôs sobre a neutralidade na posição do/a educador/a na sala de aula e que aqui podemos transpor para o *ciberespaço*

Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la. Em nome do respeito que devo aos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos. (Freire, 2016 [1996])

Neste sentido, parece haver uma substituição de um público capaz de argumentar e construir suas opiniões para um que é apenas consumidor (Kállas, 2017). Com isso, os debates nas esferas públicas - e pensando o *YouTube* como parte dela - se despolitizam e se transformam em espetáculos midiáticos, nesse sentido, “As novas mídias cerceiam as reações do receptor, cativam o público ouvinte, privando-o de falar, contradizer e contra-argumentar.” (Kállas, 2017, p. 135). Em tempos de pós-verdade⁵² e *fake news*⁵³, constatamos o quão fácil é manipular a opinião pública na atualidade, por isso, os usos do passado se encontram em uma nova guerra de narrativas na *internet* em que muitos se apropriam do conhecimento histórico para propagar sentidos comuns e visões que já foram ultrapassadas pela pesquisa e prática no campo da história. Assim,

A presença dos historiadores nas redes sociais na *Internet* é ainda mais desejável porque esses espaços são frequentemente inundados por conteúdos de história de má qualidade, incompletos, imprecisos, errôneos e até mesmo mal-intencionados. Ocupar estes espaços com editores comprometidos com a circulação e a recepção responsável do saber histórico é fundamental para combater a entropia que ameaça boa parte da *Internet*. (Carvalho, 2016, p. 41 e 42)

⁵¹ Certamente apenas quando não são proferidos discursos de ódio.

⁵² É um termo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos tem menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais” (Fábio, André Cabette. O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford. Nexo Jornal. Disponível em <https://goo.gl/p3Fw25> Acesso 17/08/2018).

⁵³ O termo se difundiu no Brasil pela dominação em inglês que significa “notícias falsas”.

Ora, esses *youtubers* só têm interesse em produzir esse tipo de conteúdo, pois existe um público que busca esse conhecimento no espaço dessa plataforma e não no âmbito acadêmico. As hipóteses do porquê isso acontece são inúmeras, mas principalmente podemos elencar a distância do público para com a produção científica e a falta de preocupação dos e das historiadoras e historiadores em diminuí-la nas redes sociotécnicas. Para Marieta de Moraes Ferreira, existe atualmente uma confusão entre história e memória e o que é ser historiador/a e ser *history maker*

Essa denominação é atribuída aos autores que escrevem sobre o passado sem fazer uso das regras estabelecidas pela comunidade acadêmica, ou que recolhem depoimentos orais carregando a crença em que o relato individual expressa em si mesmo a história. Enfim, generaliza-se uma confusão entre história-objeto e história-conhecimento, entre história vivida e história como uma operação intelectual. Nos últimos tempos tem sido crescente a demanda do grande público pela história vivida e a valorização das obras dos *history makers*. Essa produção tem sido vista como mais atraente por apresentar uma narrativa de leitura mais agradável e de mais fácil compreensão. Estabelece-se assim uma competição entre duas formas de acesso ao passado e reatualiza-se a disputa entre amadores e profissionais. (Ferreira, 2002, p. 326)

Nesta lógica, podemos situar os *youtubers* como *history makers* uma vez que não estão preocupados com a prática da investigação histórica que é fundamental na metodologia para a construção do conhecimento histórico. Essa competição mencionada pela historiadora poderia ser findada assim que os historiadores e historiadoras compreendessem seus papéis como mediadores e facilitadores das técnicas para apreensão do conhecimento histórico, este é um dos objetivos da História Pública atualmente.

Consequentemente, esse embate entre usos do passado nas redes sociotécnicas *online* e a construção da história no âmbito acadêmico conectam-se diretamente ao entendimento das práticas de divulgação científica/vulgarização/popularização da história. Raquel Glezer e Sara Albieri chamam de “obras fronteiriças” as publicações de livros que se encontram entre a literatura histórica e a História⁵⁴. Segundo as autoras, “as ‘obras fronteiriças’ podem ser consideradas como uma das formas tradicionais de primeiro contato do leitor com a história fora do contexto escolar” (2009, p. 15).

As pesquisadoras destacam que o livro é um produto cultural que se insere em um mercado, ou seja, as obras fronteiriças se adequam a uma determinada expectativa do público. A relação entre história e literatura faz com que haja esse esmaecimento de fronteiras (principalmente pós-geração *Annales*) em que a história vista como ciência convive com

⁵⁴ A diferenciação entre esses dois gêneros, segundo as autoras, seria de que “a grande obra literária como os escritos que visam o grande público pertencem ao mesmo gênero — o da ficção Enquanto que a narrativa histórica, embora permeada por lacunas e faltas, preenchidas por inferências hipotéticas e explicações probabilísticas, reivindica uma categorização não-ficcional” (Glezer & Albieri, 2009, p. 25)

novos campos de produção historiográficos que não apenas a prática de pesquisa em fontes documentais (2009, p. 24). Portanto, consideramos que na categoria de obras fronteiriças, ou seja, entre história e literatura histórica, também se inserem os vídeos produzidos no *YouTube* que se preocupam com conteúdo histórico. Alargamos este conceito também por compreender que estes vídeos correspondem a uma demanda de público e mercado por produções que tratam sobre História e oscilam entre o conhecimento desta área com a Literatura. Nesta perspectiva, põe-se em jogo a indagação: será que poderíamos classificar esses vídeos selecionados sobre ditadura civil-militar brasileira na categoria de divulgação científica do conhecimento histórico?

Para tentar compreender essa questão, faz-se necessário, primeiramente, compreender o que é ciência. Nosso entendimento é de que

A ciência busca, essencialmente, desvendar e compreender a natureza e seus fenômenos, através de métodos sistemáticos e seguros. No entanto, face à dinamicidade intrínseca à própria natureza, seus resultados são sempre provisórios. Isto é, esses sistemas explicativos não têm caráter permanente. Inserem-se em um processo ininterrupto de investigação, o que faz da ciência uma instituição social, dinâmica, contínua, cumulativa. Em tal perspectiva, sem pretensões históricas, infere-se que a ciência influencia há séculos a humanidade, criando e alterando convicções, modificando hábitos, gerando leis, provocando acontecimentos, ampliando de forma permanente e contínua as fronteiras do conhecimento. (Targino, 2000, sp.)

Desde já, é imprescindível pontuar que não estamos realizando um fetichismo do documento, ou seja, vê-lo como única fonte capaz de “acessar a história”. Compreendemos que existem outros tipos de fontes e outras formas de conhecimento que não a produção positivista científica tradicional ocidentalizada. No entanto, para essa pesquisa, e tendo em vista os objetos por ela elencados, a definição de ciência torna-se fundamental para distinguir como o conhecimento histórico se desenvolve para além de espaços disciplinares como a sala de aula e da universidade⁵⁵. Cabe a ressalva de que o *YouTube* é capaz de produzir saberes científicos e disciplinares tais quais a educação formal, mas os objetos aqui selecionados não fazem parte desse grupo, exatamente pelo seu critério de seleção.

⁵⁵ O conceito de (in)disciplinaridade da História também é importante nessa discussão. Dessa maneira, há saberes disciplinares e saberes não-disciplinares, no primeiro grupo há a possibilidade de indisciplinaridade. Ou seja, não há necessidade de se restringir e endurecer a História em questões de factuais e fórmulas, buscando o inatingível trio: distanciamento, objetividade e neutralidade (Avila, 2018). Compreendemos que a ciência que estuda o passado também pode ser política e pautada por questões do presente, mas que não deixa de possuir uma metodologia própria científica. Nesse sentido, “(...) já que os eventos do nosso passado recente, que retornam na difícil fronteira entre a ‘justa memória’ e a verdade histórica, demandam respostas imediatas por parte dos historiadores e da sociedade em geral, que chegaram na forma de imperativos legais, morais e historiográficos: abrir os arquivos, reconhecer as culpas, reparar os crimes, defender as vítimas, refutar as imposturas, recusar o esquecimento, respeitar a memória, escrever a história... O presente, qualquer que seja ele, se impõe à reflexão para os historiadores se não pela dimensão ética que o impregna, ao menos pela importância epistemológica que ele assim delimita.” (Nicolazzi, 2010, p. 257).

Podemos selecionar outros critérios para a definição da ciência além da provisoriedade, como sendo sempre passível de ser colocada a prova, ou melhor, a característica de que “todo tipo de afirmação deve poder ser submetido a algum tipo de procedimento que confronte a afirmação com a realidade por meio de um teste” (Pilati, 2018, p. 38). Dessa forma, a ciência não busca verdades inabaláveis, ela é necessária para reduzir as incertezas, mas nunca eliminá-las⁵⁶.

Neste sentido, pensando-se no âmbito da ciência, não existe “a verdade”. Por isso não há necessidade de um relativismo exacerbado por parte da academia. A História não é o passado, ela é a ciência da reconstrução sempre incompleta do que já aconteceu, reconstrução a partir do presente realizada por meio de fontes - sejam quais forem - e interpelada por um/a pesquisador/a. Segundo Ronaldo Pilati, a ciência é incompatível com alguns tipos de funcionamento do cérebro, por exemplo, o ser humano busca esquemas significativos em dados para organizá-los em padrões (2018, p. 67). A psicologia humana, portanto, produz uma demanda por questões estáveis, tornando-se incoerente com a forma que a ciência é desenvolvida, conseqüentemente

Essa compreensão é incompatível com o caráter transitório e falível pelo qual a ciência consegue avançar no entendimento do universo. A necessidade de previsão e controle estáveis é uma das barreiras para que as pessoas apreendam o conhecimento científico. Isso também é um dos motivos pelos quais a pseudociência, a religião e as ideologias políticas são sistemas de crença muito atraentes, pois apregoam conhecimento final e verdades absolutas, o que é compatível com nossas necessidades psicológicas de precisão (Pilati, 2018, p. 69)

A pseudociência, como o autor coloca, são sistemas de crença que produzem afirmações que são impossíveis de passarem pelo processo de falseamento da ciência (2018, p. 105). São capazes de fornecerem estratégias racionais para sustentar esses sistemas e através do funcionamento psicológico humano são lógicas, portanto fáceis de serem acreditadas e confiadas. Nesta perspectiva, observamos que no tempo político-econômico-social que o país vivencia atualmente não é chocante testemunhar a quantidade de teorias conspiratórias e pseudocientíficas que perpassam pelas redes sociotécnicas da *internet*, pois em meio a tantas dúvidas quanto ao futuro (e o presente), as pessoas necessitam, como vimos, de padrões e estabilidade.

Examinando nosso objeto de pesquisa, dessa forma, reparamos que muitos desses *youtubers* propagam ideias pseudocientíficas ou conspiratórias como é o caso de alguns vídeos do canal Vamos Falar de História? Mais do que estabilidade, esse *youtuber* oferece um

⁵⁶ Essa ideia foi retirada da fala de Carlos Hotta, professor doutor do Departamento de Bioquímica do Instituto de Química da USP no podcast Mamilos nº 157 sobre o tema da Pesquisa Científica no Brasil (a partir de 15:23) Disponível em <https://www.b9.com.br/95143/mamilos-157-pesquisa-cientifica-no-brasil/> Acesso em 10/09/2018.

passado glorioso por meio de ideias falaciosas para legitimar posições políticas pessoais, mas nunca deixando isso evidente para o seu público⁵⁷. E do canal Mamaefalei, no vídeo selecionado, observamos a tendência política explícita do *youtuber* e que também não há uma defesa da ditadura civil-militar brasileira, ainda que culpe “a esquerda” por ser a maior propagandista do período, pois, na ideia de Arthur do Val, o presente é ruim por causa da esquerda e isso faz com que as pessoas queiram o retorno dos militares ao poder. Ademais, é sabido que o canal em questão é conectado ao Movimento Brasil Livre (MBL), um importante agente na disseminação de *fake news*⁵⁸ - que são influenciadoras de ideias conspiratórias e se promovem facilmente por causa da lacuna no conhecimento crítico e prática de pesquisa por parte da sociedade⁵⁹.

Retomando a discussão de como a ciência é construída, Flávia Paiani⁶⁰ argumenta, baseada em Certeau, que os critérios de aceitação de determinada obra entre os pares são diferentes daqueles estabelecidos pelo público leigo; um vídeo publicado no *YouTube*, por exemplo, é analisado pelo consumo através de curtidas, visualizações e comentários. Sendo assim, um dos critérios na metodologia para a construção do conhecimento histórico leva em conta, principalmente, a historiografia de determinado assunto. Uma vez realizada essa pesquisa historiográfica seríamos capazes de compreender as fontes selecionadas para responder um determinado problema de pesquisa. Deste modo, acreditamos que os vídeos selecionados não são compatíveis com a ideia de divulgação do conhecimento científico, uma vez que, como mencionado, essas produções não tem preocupação na metodologia e análises científicas presentes na construção do conhecimento histórico.

Afirmamos isso principalmente pelas fontes bibliográficas de onde foram retirados os conhecimentos para a realização desses vídeos; por exemplo, o canal Poligonautas citou como fonte alguns *sites* de pesquisa como o InfoEscola e o canal Vamos Falar de História? na descrição do vídeo recomenda o *site* Soldado Brasileiro. Tanto o canal Mamaefalei quanto Nostalgia não citam nenhum embasamento teórico, apenas o segundo comenta que na

⁵⁷ Me refiro aqui principalmente nos vídeos “O outro lado do Regime Militar Brasileiro” (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=V_FuyHSEwVg& Acesso em 11/09/2018) e “6 fatos benéficos do governo militar brasileiro” (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=aI_3sSz15cc& Acesso em 11/09/2018). Estes não foram selecionados para a análise, pois não foram considerados pertinentes ao tema dessa pesquisa.

⁵⁸ Sobre isso, O Globo: “Facebook derruba rede de *fake news* usada pelo MBL” Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/facebook-derruba-rede-de-fake-news-usada-pelo-mbl-22917346> Acesso em 11/09/2018.

⁵⁹ Em vídeo, o historiador Luiz Estevam de Oliveira Fernandes explica a potencialidade da História no combate às *fake news* principalmente pensando na disciplina como método de confronto. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QJ39IUYQ4t4> Acesso em 26/09/2018.

⁶⁰ A historiadora analisa a produção de Mary del Priore, historiadora conhecida por publicar diversas obras sobre História visando a aceitação do grande público, e que essa produção não condiz exatamente com valores produzidos no âmbito historiográfico (ausência de teoria, metodologia, problema de pesquisa).

produção do roteiro foi consultado um professor de história. No entanto, em alguns desses canais, por exemplo, são utilizados recortes de jornais, vídeos e cenas de filmes, fontes que corroboram para o entendimento do espectador e comprovação do que está sendo dito ao longo do vídeo. Em diversos momentos também observamos a falta do desenvolvimento de linha cronológica entre acontecimentos, um descuido no roteiro de alguns desses canais que nos detemos no primeiro tópico deste capítulo.

Segundo Maria das Graças Targino, utilizando-se de Wurman (1992), existem cinco níveis de informação (que se diferenciam do conhecimento e dos dados⁶¹): a informação interna (do sistema corporal), a informação conversacional (advém das conversas formais e informais), a informação de referência (da ciência e tecnologia ou materiais de referência para a nossa vida como manual de física quântica ou lista telefônica), a informação noticiosa (veiculada pela mídia) e, por fim, a informação cultural (determina concepções, atitudes e crenças) (2000, p. 8). Portanto, os vídeos selecionados para essa pesquisa se inserem na informação noticiosa, enquanto a informação que se origina na produção acadêmica é a de referência, ou seja, não deixam de ser informação que ainda precisa ser processada em conhecimento, mas advém de locais diferentes.

Para muitos *youtubers*, portanto, parece que a história nada mais é do que narrar "fatos" do tempo passado, removendo então as dúvidas historiográficas e as lacunas que não são possíveis de preencher sem comprovação (seja ela por quaisquer tipos de fonte). Nesse sentido, as etapas para a construção do conhecimento histórico precisam estar presentes nos vídeos de divulgação da ciência - que não é o caso dos vídeos selecionados - para que aqueles que não cursaram a faculdade na área tenham uma noção de como esse tipo de saber é produzido. Portanto, para esses *history makers* o que interessa é a informação e não a organização de uma reflexão e raciocínio sob um objeto a ser analisado. De todo modo, a informação não é algo ruim, ela é apenas o ponto de partida para o desenvolvimento do conhecimento; a questão é que esses *youtubers* não estão preocupados com isso, uma vez que, como mencionado, em grande parte do tempo, estão absortos em meramente elencar ditadores (que ainda chamam de presidentes) e atos institucionais fortalecendo a visão da história feita pelos grandes homens e de importantes acontecimentos.

⁶¹ “Grande parte do que se supõe ser informação é apenas dado. Só é informação o que reduz incertezas, o que conduz à compreensão” (Targino, 2000, p. 8). O conhecimento seria “um corpo sistemático de informações adquiridas e organizadas, que permite o indivíduo compreender a natureza” (Targino, 2000, p. 9)

O segundo capítulo buscou elencar dois pontos de atravessamento da pesquisa: a história pública e história digital como campos de pesquisa e os usos do passado e a pseudociência como partes fundamentais do entendimento dos vídeos selecionados. Depreendemos, então, que a ditadura civil-militar tornou-se um tema relevante no presente que demanda debates e disputas públicas, originando vídeos produzidos por pessoas que não são formadas na área da história, mas que se encaixam na categoria de História feita pelo público, no universo da História Pública Digital. No que tange o debate sobre ciência e pseudociência, compreendemos os *youtubers* como disseminadores de um tipo de história que não necessariamente está preocupada com a metodologia e o desenvolvimento crítico de conhecimento. Assim como observamos que, nessa perspectiva, o papel do/a historiador/a reside na mediação de narrativas e no convívio com produções feitas por *history makers*.

CAPÍTULO 3 - O PÚBLICO E A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA

Neste terceiro capítulo, abordaremos questões referentes ao público e o período ditatorial brasileiro. Deste modo, em um primeiro momento, fez-se necessário apontar alguns dados sobre a percepção do público no que tange a temática da ditadura civil-militar brasileira por meio das pesquisas de opinião e um estudo no âmbito escolar desenvolvido para uma dissertação do ProfHistória. Em seguida, analisaremos comentários selecionados qualitativamente sobre os vídeos para, enfim, abordarmos a formação das identidades juvenis e a aprendizagem pela *internet*.

3.1 A opinião pública, a democracia e a ditadura civil-militar brasileira

Para compreender a percepção pública sobre o período de 1964 a 1985, bem como a comparação entre a democracia e a ditadura através de pesquisas de opinião, trouxemos dados recolhidos em pesquisas de opinião pública por alguns institutos e uma pesquisa realizada para uma dissertação do programa de mestrado profissional em História, que teve como base dois grupos focais em escolas do Rio de Janeiro, uma pública e outra particular.

Em 2008, nos 40 anos da instituição do AI-5, a Folha de São Paulo divulgou que 82% dos brasileiros acima de 16 anos não conhecem o Ato Institucional nº 5, e, dos 18% que “ouviram falar algo sobre ele”, apenas 32% responderam corretamente⁶². Já no ano de 2014, efeméride dos cinquenta anos do golpe militar de 1964, a pesquisa do Instituto Datafolha, com objetivo de examinar a relação dos brasileiros com os valores democráticos e sobre a ditadura civil-militar, apresentou que 59% estão pouco satisfeitos com o funcionamento da democracia no Brasil, 28% estão nada satisfeitos e apenas 9% muito satisfeitos⁶³. Neste mesmo sentido, em 2017, uma pesquisa do Centro de Pesquisas Pew (EUA) envolvendo trinta e oito países apontou que, no Brasil, 38% dizem que um governo militar seria uma boa forma de governo, sendo 55% contra essa afirmação. Mesmo aqueles que sejam contra ainda representem a maioria, esse número está bem acima da média que é de 24% de apoio a esse tipo de governo⁶⁴. Na pesquisa coordenada pela Universidade Vanderbilt (EUA), indica que entre 2012 e 2014 houve um crescimento de 36% para 48% daqueles que acreditam que um

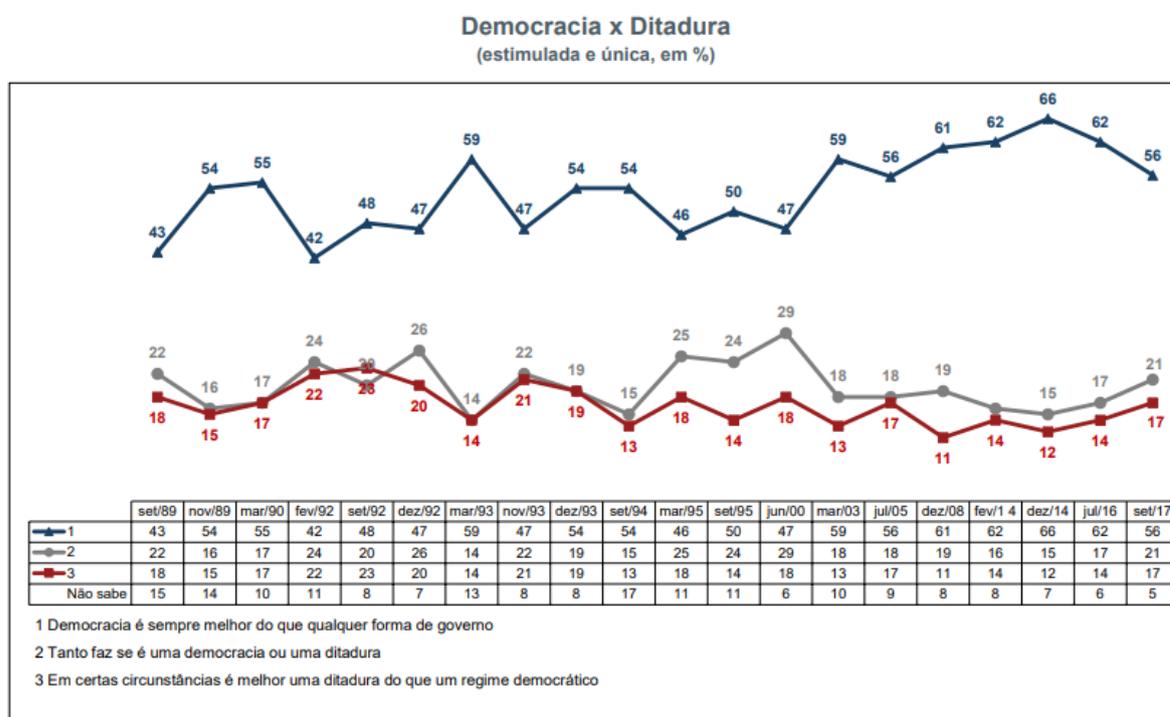
⁶² Folha de São Paulo “Oito em cada dez brasileiros nunca ouviram falar do AI-5”, 13 de dezembro de 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1312200819.htm> Acesso 02/10/2018.

⁶³ Folha de São Paulo “Brasileiros preferem democracia, mas são críticos com seu funcionamento”, 31 de março de 2014. Disponível em <https://goo.gl/p1vick> Acesso 02/10/2018.

⁶⁴ Folha de São Paulo “Apoio a governo militar no Brasil é maior que média global, diz pesquisa”, 16 de outubro de 2017. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1927419-parcela-que-apoia-governo-militar-no-brasil-e-maior-que-media-diz-pesquisa.shtml> Acesso em 02/10/2018.

golpe militar seria justificável por causa da corrupção, esse é o maior percentual desde 2007⁶⁵. Em outra pesquisa mais recente do Instituto Datafolha (2017), nos é apresentado o seguinte gráfico:

IMAGEM 7 - Pesquisa Instituto Datafolha sobre Democracia x Ditadura



Fonte: Com quais das seguintes afirmações, você concorda mais: a democracia é sempre melhor do que qualquer forma de governo; em certas circunstâncias é melhor uma ditadura do que um regime democrático; tanto faz se o governo é uma democracia ou uma ditadura
Base: Total da amostra - Brasil

www.datafolha.com.br

Datafolha
INSTITUTO DE PESQUISAS

Fonte: Instituto Datafolha, 2017. Disponível em <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2017/10/03/0fd1b3a0cedd68ba47456fb25b.pdf> Acesso em 02/10/2018.

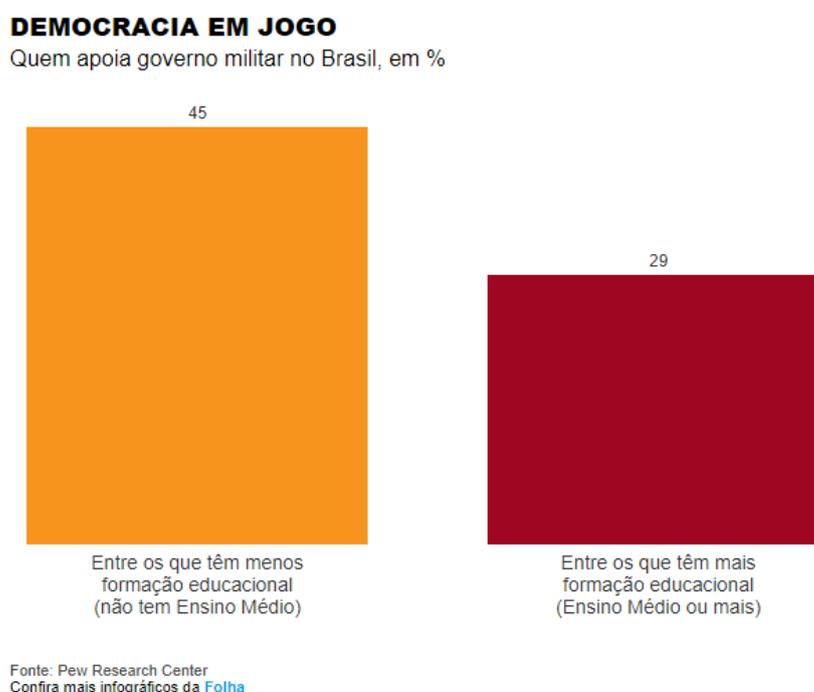
Isto é, por meio dos dados apresentados no gráfico, percebemos que o apoio a instauração de uma ditadura militar de fato cresce no país nos últimos anos principalmente de 2014 para 2017 (linha vermelha), em decorrência da crise política-financeira que o país vive neste período. Notamos que há uma oscilação deste aspecto ao longo do tempo, aumentando particularmente em momentos atribulados como, por exemplo, entre novembro de 1989 e setembro de 1992 (instituição do Cruzado Novo, eleições presidenciais em que Collor é eleito) e de março de 1993 para novembro de 1993 (ano da instituição do Cruzeiro Real).

Ademais, soma-se a isto o desconhecimento de elementos chave do período ditatorial de 1964, como o Ato Institucional Nº 5. Estes dados sobre o conhecimento da população acerca da ditadura civil-militar ainda são escassos, por isso não é possível uma comparação

⁶⁵ Último Segundo (IG), “Apoio a golpe militar cresce no Brasil desde 2012, mostra pesquisa”, 28 de março de 2015. Disponível em <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-03-28/apoio-a-golpe-militar-cresce-no-brasil-desde-2012-mostra-pesquisa.html> Acesso em 02/10/2018.

mais ampla e, portanto, o entrelaçamento entre o aumento de pedidos pelo retorno dos militares ao poder e a falta de estudo da população sobre a ditadura civil-militar de 1964. Ainda que, na pesquisa feita pelo Centro de Pesquisas Pew (EUA), aqueles que possuem menor grau de instrução são os que mais apoiariam um governo militar, como mostra o gráfico a seguir:

IMAGEM 8 - Gráfico do Centro de Pesquisas Pew sobre quem apoia governo militar no Brasil.



Fonte: Folha de São Paulo, 2017. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1927419-parcela-que-apoia-governo-militar-no-brasil-e-maior-que-media-diz-pesquisa.shtml> Acesso em 02/10/2018.

Mais recentemente, na semana entre o primeiro e o segundo turno da eleição para presidência em 2018, foi lançada uma nova pesquisa do Instituto Datafolha sobre o autoritarismo. Nesta pesquisa, aparecem algumas alterações sobre questões pontuais democráticas mesmo que não defendam uma nova ditadura. Por exemplo, 41% dos brasileiros concordam com uma eventual intervenção em sindicatos, eram 29% em 2014. A censura em meios de comunicação passou de 13% para 23% e, um dos dados mais alarmantes e de grande crescimento trata do percentual dos brasileiros e brasileiras que acreditam que o poder Executivo poderia fechar o Congresso Nacional; segundo a notícia, o índice era 14% em 2008, passou para 19% em 2014 e atualmente é de 21% da população. Sobre a expectativa de uma nova ditadura no país, em 2014, o percentual era de 39% e, atualmente, chega a 50%⁶⁶.

⁶⁶Folha de São Paulo. “Minoritária, parcela linha dura da população cresce, diz Datafolha”. 19 de outubro de 2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/ainda-minoritaria-parcela-linha-dura-da->

Mesmo que a população que é favorável a proposições antidemocráticas seja ainda minoria, percebemos o quanto ela se desenvolveu em apenas quatro anos. Com a eleição de Jair Bolsonaro à presidência e seus discursos autoritários, tornou-se evidente a desilusão da população perante soluções democráticas e aposta em um herói às avessas (ou um anti-herói) que resolverá os problemas e reconstruirá o Brasil sob o ponto de vista financeiro, econômico, político e moral, custe o que custar.

No estudo qualitativo feito pela professora-pesquisadora Lícia Gomes Quinan (2017), em sua dissertação do mestrado-profissional em História (ProfHistória) acerca da posição de um grupo focal de alunos do ensino médio sobre a ditadura, fica evidente a percepção desses jovens sobre o período, principalmente, em relação a noção de que um governo ditatorial seria garantidor de uma ordem social. Dessa forma, ela ressalta que

Nossa pesquisa revelou, destacadamente, que o principal fator que leva os jovens a justificarem a perda de liberdades e o desrespeito aos direitos da pessoa humana, por exemplo, é a ideia de garantia da ordem. Existe uma determinada construção memorial hegemônica entre eles que revela que o momento da ditadura militar promoveu um crescimento econômico positivo para a sociedade, a quase ausência de corrupção e taxas baixíssimas de criminalidade. Pudemos observar em seu discurso uma valorização da liberdade de expressão e uma condenação da tortura, por exemplo. Contudo, democracia e direitos humanos não aparecem como um valor absoluto, mas como algo flexível, que consideram passível de negociação em determinados contextos desde que se destine à garantia de uma “ordem social”. Observamos que isso é motivado principalmente por uma sensação de desordem econômica, política e social na atualidade, fruto das informações que processam a todo momento advindas de seus vários espaços de sociabilidade, da mídia, das redes sociais etc. (Quinan, 2017, p. 80)

Quinan conclui, então, que há contradições por parte das reflexões dos estudantes, por exemplo, no que se refere à segurança e à estabilidade no país assumindo posições autoritárias, mas que também os educandos valorizam a liberdade de expressão e repudiam (certos) atos que violam os direitos humanos⁶⁷. O problema, como apontado pela professora-pesquisadora, é a percepção dos mais jovens de que uma ditadura seria justificável em certos cenários políticos, econômicos e sociais.

Esse imaginário sobre o período, portanto, reforça os dados anteriormente citados, do crescimento na opinião popular de que a via autoritária seria uma solução para os problemas que o país vive atualmente. Dessa forma, isso resulta na mitificação da ditadura civil-militar de 1964 como período de crescimento e segurança. Esse mesmo cenário também se encontra nas redes sociotécnicas como veremos no próximo tópico.

populacao-crece-diz-datafolha.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral Acesso em 29/10/2018.

⁶⁷ Não há a defesa de tortura, mas alguns educandos são favoráveis à pena de morte em caso de crimes graves como estupro. Utilizam-se também da ideia do “cidadão de bem” e do próprio mito social de que quem foi torturado sempre tinha envolvimento com terrorismo e mereceu as consequências.

3.2 “Deixe seu comentário, o *like* no vídeo e não esquece de se inscrever no canal”: Comentários dos vídeos sobre a ditadura civil-militar brasileira

Vimos no tópico anterior como a opinião popular nos últimos anos tem se desenvolvido sobre o tema da ditadura civil-militar brasileira, apontamos que há um evidente crescimento em mitificar o passado ditatorial e também o entendimento de que muitas vezes uma ditadura (no presente e futuro) seria justificável principalmente como forma de garantir uma ordem social. Os comentários nas redes sociotécnicas também compõem esse estudo sobre opinião pública e fazem parte de um grupo em que o anonimato possibilita certos tipos de discursos que muitas vezes não seriam explícitos em outros contextos.

A metodologia de seleção dos comentários foi feita a partir do recurso da própria plataforma do *YouTube* em que é possível classificar os comentários em cada vídeo a partir do critério de “Principais Comentários”, ou seja, aqueles que obtiveram maior grau de interação através de curtidas e comentários. No quadro abaixo, estão dispostos os comentários selecionados, em negrito na coluna à direita está o nome do usuário, ao lado da data de publicação, embaixo o comentário feito, e, por fim, a informação grifada em amarelo se refere à quantidade de curtidas e respostas que esse comentário específico obteve. O Canal Nostalgia não abriu a possibilidade de comentar para seu público.

QUADRO 9 - Levantamento de comentários por vídeos

Canal	Comentários
Canal Vamos Falar de História? (Vídeo: 1964 - O golpe militar)	<ul style="list-style-type: none"> ● rodrigo francisco, 3 anos atrás se não fosse os militares de 1964, hoje estaríamos na mesma situação que Cuba. 445 curtidas, 50 respostas ● Jeferson Oliveira, 2 anos atrás (editado) O mais adequado seria "contragolpe" militar, pois graças à eles o Brasil hj não é uma Cuba!! 255 curtidas, 11 respostas ● Indivíduo Extremista, 2 anos atrás Salve Militares de 64 Heróis □□□□□□□□ 118 curtidas, 1 resposta ● Marcos Ashford #SomosTodosDoAlém, 2 anos atrás O regime militar não foi golpe, o único golpe que o país sofreu foi quando um analfabeto assumiu a presidência. 174 curtidas, 19 respostas ● letrollei, 2 anos atrás contragolpe de 64* 259 curtidas, 21 respostas

<p>Canal Vamos Falar de História? (Vídeo: Ditadura Militar Brasileira)</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Dom Corleone, 2 anos atrás na "ditadura" militar, não lembro de um trabalhador pai de família sendo capturado pelos militares, eu só via os terroristas cubanos comunistas e traidores da Pátria sendo capturados 144 curtidas, 30 respostas ● Dom Corleone, 1 ano atrás que se foda os comunistas 60 curtidas, 0 respostas ● Eduardo Luiz, 3 anos atrás Os comunistas tem que levar borrachada mesmo! O grande erro dos militares foi não ter extinto o comunismo do país antes de ter passado o poder para os civis 175 curtidas, 50 respostas ● Wellington Oliveira, 2 anos atrás O maior erro da época, foi os militares não matarem mais comunistas, principalmente a Dilma. 273 curtidas, 65 respostas ● Gabriel Souza, 3 anos atrás Então vamos lá, estão pedindo o lado bom do regime militar? Então leiam: - Os militares pegaram o Brasil como sendo a 49º economia do mundo. Em 1984 (fim do regime) eramos a 10º; - A Petrobrás aumentou a produção de 75 mil para 750 mil barris/dia de petróleo; - Crescimento do PIB de 14% (engraçado porque nosso PIB de 2014 mal passou de 1%); - Criação da Eletrobrás; - Criação da EMBRATEL e TELEBRÁS (antes, não havia "orelhões" nas ruas, nem se falava por telefone entre os Estados); - Construção das Usinas ANGRA I e ANGRA II; - Implantação do PRÓ-ÁLCOOL em 1976 (em 1982, 95% dos carros no país rodavam a álcool); - Construção das maiores hidrelétricas do mundo: TUCURUÍ, ILHA SOLTEIRA, JUPIÁ e ITAIPU. Quem mora no Sul tem muito o que agradecer por Itaipu, pois dependendo da região onde mora a energia elétrica seria algo difícil! - Rede de rodovias asfaltadas, passou de 3 mil para 45 mil km; - Programa de merenda escolar e alimentação do trabalhador. Se hoje seu filho tem comida no colégio público, agradeça aos militares que só batiam e torturavam; - Criação do FGTS, PIS, PASEP. Sim, se você hoje tem direito a FGTS e PIS, agradeça a horrenda ditadura. - Duplicação da rodovia RIO-JUIZ DE FORA e da VIA DUTRA; - Implementação do Metrô em SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, BELO HORIZONTE, RECIFE e FORTALEZA. Sim, se você usa metrô nessas cidades, agradeça a terrível ditadura militar. - Polícia Federal; - Implantação e desenvolvimento da Zona Franca de Manaus; - Criação do Banco Central (DEZ/64);
--	---

	<p>- Regulamentação do 13º. salário. Recebe 13º e reclama da ditadura? - Abertura da Transamazônica com instalação de agrovilas; - Construção da PONTE RIO-NITERÓI. E ainda tem mais coisas! Olha só que coisa horrível que fizeram com o nosso Brasil, né? E pra quem fala que milhares foram torturados no DOI/CODI, olha o tamanho daquela delegacia... Me desculpa Felipe, mas este seu vídeo sobre o regime militar, se posso comparar, é como o History Channel falando sobre Nazismo: Soldados sem alma que torturam e matam, nenhum ponto positivo, tudo foi ruim nesse período.</p> <p>71 curtidas, 10 respostas</p>
Canal Nostalgia	Os comentários estão desativados para este vídeo.
Canal Mamaefalei	<ul style="list-style-type: none"> ● Universo, 1 ano atrás Cara caraca meu....como podes falar assim ? Para que falar mal do governo se tínhamos tudo? Não havia o que reclamar cara...KKKKKKKK ! Hoje tu podes somente falar mal do Governo e não tens nada ! <p>505 curtidas, 57 respostas</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Paulo Cesar, 11 meses atrás Porra Arthur... Comparar o Regime Militar ao Nazismo, foi foda! <p>133 curtidas, 4 respostas</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Quero Chá, 11 meses atrás Eu sou uma pessoa que acredita que aonde houver o bem, sempre haverá o mal, na minha opinião a ditadura militar foi um mal necessário, rigidez para um bem maior. Claro, devemos respeitar a opinião dos outros mas quando a opinião é fadada a levar um país inteiro pro fundo do poço, prefiro optar pelo "mal" necessário. <p>274 curtidas, 22 respostas</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Thiago Ferreira da silva, 11 meses atrás Na época do REGIME MILITAR poderíamos sair na rua com nossas famílias sem nenhum medo de bandido (isso era liberdade) as crianças iam pras escolas para se tornarem cidadão de bem (nao militantes de esquerda, ou seja idiotas uteis), podíamos comprar armas de fogo (Olha a liberdade denovo), nao beiravamos a 70 mil assassinatos por ano (mais segurança), bandidos, ladrões, assassinos, estupradores nao eram vítimas da sociedade (mais justiça), casa própria? Muito mais fácil que hoje, emprego? Vc saia de um e entrava em outro e estou falando no sentido literal, e você achando ruim somente porque Nao podia falar mal do governo?!!!! Haaaa faça me o favor vai <p>140 curtidas, 17 respostas</p> <ul style="list-style-type: none"> ● João Fidalgo Cursos Online, 11 meses atrás Poxa Artur, como é que seus pais, tios e outros familiares estão vivos? Hoje em dia como você classificaria a ditadura atual? Vamos questionar tudo! :) <p>123 curtidas, 9 respostas</p>
Canal Poligonautas	<ul style="list-style-type: none"> ● Paulo Ricardo, 2 anos atrás Até concordo Schwarza com o fato de que nenhuma ditadura é boa, mas

	<p>esse vídeo seu foi diferente dos demais, vc ó colocou a parte ruim do regime militar, vc não colocou as obras feitas pelos militares, estradas....a parte da educação que era bem superior, no entanto os alunos chamavam os professores de Sr/Sra e tinha educação moral e cívica, não tinha essa violencia nas ruas, vc podia andar livremente sem se preocupar em ser morto ou assaltado na primeira esquina, sei das coisas ruins mas conheço a história e sei que teve coisas positivas, ou seja seria mais ético vc colocar as duas partes.</p> <p>410 curtidas, 88 respostas</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Welton Schneider, 2 anos atrás graças ao regime não tivemos comunismo <p>371 curtidas, 39 respostas</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Tiago Dias, 1 ano atrás quero escolas de qualidade, quero segurança, quero viver em uma sociedade onde bandido tem que ser tratado como bandido, quero viver em uma sociedade com padrões morais. <p>170 curtidas, 10 respostas</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Juliano Dantas, 1 ano atrás viva Ustra, o terror de Dilma Rousseff ♣ <p>247 curtidas, 39 respostas</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Mateus Butinhone, 2 anos atrás E a luta era, não contra quem falava de politica, mas quem queria pregar comunismo no Brasil <p>167 curtidas, 6 respostas</p>
--	---

Fonte: Esses dados foram retirados dos vídeos já citados no capítulo um no dia 06 de setembro de 2018 pela autora.

Alguns pontos de convergência sobre esses comentários serão levantados nesse momento. É evidente que nenhum dos vinte comentários mais relevantes dos quatro vídeos é contra a ditadura civil-militar brasileira, notamos também que aparentemente todos os comentaristas são homens⁶⁸. Como observamos, os comentários foram feitos entre três e um anos atrás, sendo os mais recentes datando de 11 meses. Ademais, como foi feita a seleção a partir de relevância, há uma grande quantidade de curtidas nos comentários e isso aponta que houve concordância entre usuários sobre esses comentários; sendo o menos curtido com 60 e o mais curtido com 505.

O primeiro aspecto é a ideia de proteção do país do comunismo. Nessa questão, destaca-se tanto a denominação de “contragolpe” de um dos comentários, quanto aqueles que dizem que a ditadura serviu para que atualmente o Brasil não fosse Cuba. Esse discurso está muito presente nas discussões atuais sobre o período ditatorial. O segundo aspecto é o relativismo da tortura, ou seja, há comentários em que está implícita a negação da tortura,

⁶⁸ Devido a falta de dados mais precisos essa é a única informação que podemos retirar dos comentaristas e é apenas baseada no nome dos usuários o que também é impreciso.

como o do usuário Gabriel Souza no canal Vamos Falar de História?, e o mito de que aqueles que foram torturados deve-se ao fato de que eram “terroristas da esquerda/comunistas”.

O terceiro aspecto se refere à palavra “Comunismo” que aparece em diversos comentários. Este é um conceito largamente utilizado nos dias atuais como forma de fabricar uma polarização e até rescender discursos que estavam presentes em 1964 e em outros períodos como Estado Novo de Getúlio Vargas. A conhecida “ameaça vermelha” está conectada com a fabricação de um contexto anticomunista em que torna-se justificável a perseguição política e a violações de direitos humanos. No contexto em que vivemos, esse anticomunismo é combinado ou até confundido com o antipetismo, isto é, o ódio pelos últimos governos mais à esquerda encabeçados pelo Partido dos Trabalhadores (2003-2016). Nesse caso, é citado o nome de Dilma Rousseff em dois comentários, e isso se deve ao passado da ex-presidenta como guerrilheira urbana em que foi presa e torturada durante o regime ditatorial. Inclusive chama atenção o comentário de Juliano Dantas que é idêntico a fala do parlamentar Jair Bolsonaro no processo de impeachment da presidenta Dilma, em 2016, em que cita o nome do torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra⁶⁹.

No quarto aspecto, analisamos que há uma disputa de nomeação entre “Regime”, “Ditadura” e “Contragolpe”. Foram dois comentários afirmando que a denominação correta seria contragolpe, cinco nomeando como regime, dois nomeando como ditadura (sendo um entre aspas) e apenas um utilizou tanto a palavra regime quanto ditadura para se referir ao período. Essa disputa de nomeações está presente, como vimos no capítulo dois, tanto do âmbito acadêmico quanto nas narrativas dos vídeos que se posicionam todos favoráveis ao termo Ditadura⁷⁰, talvez por isso a reação do público em afirmar que foi um Regime.

No quinto aspecto, constatamos a presença do discurso quase mitológico sobre a ditadura civil-militar brasileira. Ressalta-se a ideia de que “na ditadura tínhamos tudo”, sendo este “tudo”: a possibilidade de armamento, mais casas, mais empregos, sem medo de sair na rua, mais segurança e menos violência, escolas boas e que formavam “cidadãos de bem”, obras, estradas, entre outros aspectos que estão listados no comentário do usuário Gabriel Souza⁷¹. Este aspecto se conecta com o que havíamos comentado no tópico anterior, o mito

⁶⁹ BBC BRASIL “‘Enquanto me dava choques, Ustra me batia com cipó e gritava’, diz torturado aos 19 anos”. 21 de abril de 2016. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419_torturado_ustra_bolsonaro_lgb Acesso em 03/10/2018.

⁷⁰ Mesmo que o vídeo no Canal Nostalgia diga que os dois termos estão corretos, ele afirma que houve ditadura em um determinado momento ao contrário dos comentários.

⁷¹ Não entraremos no mérito de discussão sobre os diversos dados errôneos que essa lista de “benefícios da ditadura civil-militar” elenca.

social de que a ditadura promoveu tantos benefícios e segurança para a sociedade que, no atual contexto, deveríamos pedir pelo seu retorno. Essa ideia fica explícita no quase pedido de socorro do usuário Tiago Dias: “quero escolas de qualidade, quero segurança, quero viver em uma sociedade onde bandido tem que ser tratado como bandido, quero viver em uma sociedade com padrões morais.”

Portanto, a ditadura é vista como um mal necessário em certos contextos nas pesquisas de opinião, no estudo qualitativo em sala de aula bem como nos comentários selecionados no *YouTube*. Mateus Pereira escreve sobre as guerras de memórias que ocorrem nos mais diversos espaços principalmente após a entrega do relatório da Comissão Nacional da Verdade em 2014. Esse evento resultou essencialmente no rompimento do silêncio do Estado sobre os crimes cometidos na época, uma maior discussão pública sobre o período e, por fim, o surgimento de novas narrativas (positivas ou negativas) acerca da ditadura civil-militar brasileira. Dessa forma, notamos uma polarização social, em que

A guerra de memória, quando se divide entre um combate entre “esquerdistas” e “direitistas”, aceita diversos pressupostos da lógica autoritária. No entanto, a democracia não pode ser “conquistada” por nenhuma ideologia: a democracia pressupõe a intensificação da pluralidade, do justo, da simetria e do dissenso. (Pereira, 2015, p. 885)

A Comissão possibilitou a reelaboração da memória social sobre um período histórico com consequências que ainda não temos como medir e talvez nunca teremos. Mesmo com as ideias errôneas e maliciosas que circulam sobre o regime ditatorial, como observamos nesses dois últimos tópicos, a Comissão fez seu papel em pautar uma questão que era urgente no debate público. Se pensarmos que fazem apenas 30 anos da promulgação da Constituição de 1988, marco da cidadania e democracia no país, compreenderemos que essas guerras de memórias fazem parte da elaboração da memória e da identidade coletiva do Brasil e de seu passado.

3.3 Identidades juvenis: Aprendizagem pela tela do computador

Neste tópico, serão desenvolvidos tensionamentos sobre as identidades juvenis e de que forma as redes sociotécnicas no século XXI transformam a maneira com que se aprende na *web 2.0*⁷². Em relação ao acesso à *internet* no país, destacamos a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016 que assinala que 64,7% da população

⁷² Se caracteriza por possibilitar a interatividade e acessibilidade para os seus usuários. “Algumas ferramentas bem definidas que caracterizam a interatividade e a usabilidade da web são as redes sociais digitais (*Google+*, *Facebook*, *LinkedIn*), blogs e microblogs (*Blogger*, *Wordpress*, *Twitter*), compartilhadores de vídeos (*YouTube*, *Vimeo*, *Dailymotion*), ambientes virtuais de aprendizagem (*Moodle*, *Blackboard*, *Edmodo*) e ferramentas de construção colaborativa (*Google Drive*, *Prezi*, *Wikis*)” (Silva, 2016, p. 17 e 18).

utiliza a *internet*, sendo cerca de 85% dos jovens (de 18 a 24 anos) usufruem dela. Ainda, 76,4% do total afirma que utiliza a *internet* para “Assistir a vídeos, inclusive programas, séries e filmes”, número que vem atrás apenas dos 94,2% que a usa para “Enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail”⁷³.

Nesse sentido, essas juventudes⁷⁴ que cresceram com o desenvolvimento das tecnologias digitais são nomeados como nativos digitais (Prensky, 2001 *apud* Caimi & Nicola, 2015), *homo zappiens* (Veen & Wracking, 2009 *apud* Caimi & Nicola, 2015) ou juventude ciborgue (Sales, 2010 *apud* Silva, 2016). Portanto, para Caimi & Nicola, pode-se destacar na relação destas juventudes com a escola alguns pontos

a) reconhece a escola como um dos interesses, dentre muitos outros, como redes de amigos, trabalho de meio turno, encontros sociais; b) considera a escola desconectada do seu mundo e da vida cotidiana; c) demonstra comportamento ativo, em alguns casos, hiperativo; d) concede atenção ao professor por pequenos intervalos de tempo; e) quer estar no controle daquilo com que se envolve e não aceita explicações do mundo apenas segundo as convicções do professor; f) aprende por meio dos jogos, de atividades de descoberta e investigação, de maneira colaborativa e criativa. (Caimi & Nicola, 2015, p. 63)

Dessa maneira, o perfil desses jovens é de que aprendem em diversos lugares e não apenas na escola, veem a escola como algo desconexo da sua vida, deseja ser participante ativo em seu aprendizado e se desinteressa rapidamente por atividades em que não é o protagonista. No entanto, como isso explica a disponibilidade deles para ficarem em média por semana 15,4 horas assistindo vídeos *online*? Uma das hipóteses é que a demanda pelos vídeos é criada por eles, decidir quando assistir e quando pausar ou até mesmo quando parar de ver depende de cada um, e isso não acontece na educação tradicional. Em recente pesquisa, a chamada Geração Z (14 a 23 anos) interliga seus processos de aprendizagem com o uso de tecnologias, além de preferirem versões mais modernas de mídias sociais que privilegiam o conteúdo visual e que seja passível de compartilhamento⁷⁵. Segundo Lúcia Santaella, os

Processos de aprendizagem abertos significam processos espontâneos, assistemáticos e mesmo caóticos, atualizados ao sabor das circunstâncias e de curiosidades contingentes e que são possíveis porque o acesso à informação é livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite. Por meio dos dispositivos móveis, à

⁷³ IBGE, “Acesso à *Internet* e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal” de 2016. Informação disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101543.pdf> Acesso em 02/10/2018.

⁷⁴ Usaremos o termo no plural por considerar que existem diversos tipos de experiências de juventudes no Brasil e no mundo sendo impossível essencializar e caracterizá-la de forma estática e única. Ademais, é importante pontuar que nem todos os/as jovens tem acesso à *internet*, a inclusão digital ainda é um desafio. Em uma pesquisa da Fundação Telefônica em 2014, por exemplo, apontou que 60% das residências brasileiras não têm acesso à internet e que 48,1% dos domicílios têm menos de um computador (Martins, 2015, p. 147). De acordo com o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013), jovens são aqueles que se encontram entre 15 e 29 anos de idade. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm Acesso em 14/08/2018.

⁷⁵ Dados retirados da reportagem “Geração Z quer aprender pelo *YouTube*, diz pesquisa” disponível em <http://porvir.org/geracao-z-quer-aprender-pelo-youtube-diz-pesquisa/> Acesso em 17/09/2018.

continuidade do tempo se soma a continuidade do espaço: a informação é acessível de qualquer lugar. (Santaella, 2010, p. 19)

Essa juventude ciborgue transforma seu cotidiano em uma conexão permanente entre o plano virtual e o plano real, ou seja, realiza um movimento de cibridismo em que não existe na verdade mais essa separação entre vida *online* e *offline*⁷⁶. Nesse sentido, para a juventude ciborgue a relação entre o *ciberespaço* e a escola se altera na medida que também se transforma as novas e diferentes maneiras de construir o conhecimento (Silva, 2016, p. 36). A educação por demanda, parte principalmente de dois princípios: o primeiro é o interesse pessoal do/da jovem por determinados temas que fazem com que ele busque na *internet* mais informações sobre aquilo; e o segundo é a busca por informações para realizar alguma atividade escolar como trabalhos e provas.

Por se tratar de uma ferramenta digital aberta, qualquer parte do *YouTube* pode ser modelada coletivamente conforme cada usuário, tornando-se assim um artefato da cultura participativa *online* (Puhl & Araújo, 2012, p. 714 e 715). Para Paula Regina Puhl e Willian Fernandes Araújo, o *YouTube* é um espaço de construção de memória em rede e em seus estudos produziram uma tabela (imagem abaixo) com o entendimento de alguns autores que trabalham com as questões da memória e relacionaram então com as funcionalidades do *YouTube*.

IMAGEM 9 : Categorias de funcionalidade do *YouTube* e sua relação com a memória em

Categorias de funcionalidade do YouTube	Relação com a Memória em Rede	Autores
1. Armazenamento dos vídeos	Construção da memória explícita que possibilita a modificação do banco de dados pelos milhões de usuários da ferramenta.	Rosnay (2006)
2. Categorização dos vídeos	Construção da memória implícita; expressa o quadro social onde indivíduo está inserido; folksonomia	Rosnay (2006) Halbwachs (1990) Aquino (2008)
3. Ferramentas de compartilhamento de vídeos	A partir dos usuários e dos seus <i>links</i> ou <i>permalinks</i> ocorre a interconexão entre as plataformas em rede. A convergência dos conteúdos e a sua relevância é dada pelos grupos.	Casalegno (2006)
4. Mecanismos de interação	Os grupos podem se unir pela manifestação individual das preferências e julgamentos de conteúdos expostos por comentários e inscrições em canais. A memória individual colabora com a memória coletiva.	Hall (2006) Halbwachs (1990)
5. Ferramentas de sugestão do sistema	A união entre a categorização feita pelo usuário (memória implícita) e as ferramentas do sistema (memória explícita) como filtro de informação.	Sá (2009) Rosnay (2006)

rede.

Fonte: Puhl & Araújo, 2012

⁷⁶ O Cibridismo é um conceito defendido por Martha Gabriel, profissional do *marketing*. Para saber mais acesse <https://www.martha.com.br/youpix-festival-cibridismo-o-fim-do-mundo-offline/> Acesso em 14/08/2018.

Nesta perspectiva, observamos então que cada categoria selecionada colabora para que haja uma construção a partir de uma memória individual do usuário para uma memória coletiva. Essas memórias então se relacionam diretamente com a construção de identidades juvenis por meio das redes sociotécnicas *online*, pois a constatação de que determinado *youtuber* ou usuário se posiciona de alguma maneira influenciará - por meio da investigação de pontos de vista diferentes ou pelas estratégias de persuasão no discurso dessas pessoas - a forma com que será construída a memória individual. Sendo assim, podemos examinar que uma memória alimenta a outra e que elas não estão afastadas da vida *offline*, mais um reflexo do cibridismo, como vimos também nas pesquisas de opinião e nos comentários dos vídeos. Além disso, percebemos que o cibridismo aparece de forma “oculta” nas plataformas de redes sociotécnicas por meio dos algoritmos, segundo Salgado (2017), a influência espiralar dos indivíduos e dos cálculos algorítmicos produz formas de se conectar com determinados conteúdos e não outros. Ou seja, o aspecto híbrido encontra-se na construção conjunta entre humano (*offline*) e máquina (*online*) na recomendação de vídeos pela plataforma, por exemplo.

Com isso, podemos refletir sobre o papel da escola e da educação para as mídias em que se torna fundamental desenvolver “a capacidade do usuário ter apuro seletivo e de hierarquização de conteúdos diante da superficialidade reinante” (Costa, 2010, p. 90), uma vez que nesse espaço nem sempre será capaz de difundir conhecimentos que agem em prol de valores como a democracia e o respeito aos direitos humanos, como é o caso da ditadura civil-militar brasileira e os alguns vídeos que tem ela como tema. Sendo assim,

de maneira ambivalente, verifica-se na internet, em ambientes de rede como o *youtube*, a extrema banalização da linguagem escrita e da imagem. Atualmente, com celular e câmeras de vídeo e fotográfica, é possível postar conteúdos sem apuro ético, estético, e que reforçam estereótipos e preconceitos, fazendo com que uma mensagem esvaziada de sentido formativo tenha casualmente interesse planetário. O critério é a exposição, a velocidade do trânsito das informações e a celebração da violência banalizada. (Costa, 2010, p. 98)

Já desenvolvemos no tópico sobre pseudociência que a internet também pode ser utilizada para este fim. A má-fé de alguns produz memórias falsas em outros os quais, por vezes, desconhecem a técnica de investigação e checagem de informações, como é o caso de muitos jovens brasileiros. À vista disso, José Reinaldo Oliveira realizou entrevistas com jovens sobre o contexto atual brasileiro e concluiu que

As informações sobre o que acontece na sociedade são tiradas da própria internet e não há uma análise ou depuração dessas informações. O grupo de discussão revelou que a juventude enxerga as possibilidades das ferramentas interativas, até mesmo para mobilizar pessoas, entretanto, essas opiniões fazem parte do senso comum sobre o assunto. Eles sabem que é possível mobilizar, mas não sabem discutir temáticas mais sérias, ou, simplesmente, dar uma opinião mais consistente sobre elas. (Oliveira, 2012, p. 57)

Por outro lado, as redes sociotécnicas digitais convidam as juventudes à participação ativa. Construir um roteiro, gravar, editar, postar e interagir tornam-se ferramentas de participação cidadã *online*. O *YouTube*, portanto, é capaz de ser uma plataforma que oportuniza a consciência sociopolítica e também corrobora na constituição de ideias não hegemônicas sobre determinados grupos ou períodos históricos. Um canal engajado com questões sociais e políticas, produzido ou consumido pela juventude, concede espaço para questionamentos das visões únicas por vezes produzidas no espaço escolar. No entanto, concordamos com José Reinaldo Oliveira que essa potencialidade educativa ainda precisa ser explorada pelas juventudes, pois estes ainda enxergam o espaço digital como um local de informações acabadas não sendo passíveis de investigação. Nesse sentido,

A tendência é sempre “copiar” e “colar” as informações encontradas no primeiro site que o Google disponibiliza. Por isso, os grupos de estudos, as redes de cooperação, o engajamento coletivo e protagonista, são dimensões que ainda precisam ser trabalhadas pela juventude atual, mesmo que haja o discurso reducionista de que esse segmento social não precisa aprender mais nada sobre a internet e seus usos. (Oliveira, 2012, p. 79)

Por isso, muitos ainda assistem aos vídeos - como os selecionados para essa pesquisa - e assumem aquelas informações como verdade, passando a compartilhá-las nas redes sociotécnicas digitais e até mesmo propagá-las no ambiente escolar. Isso pode estar relacionado com a ideia de que a informação se tornou um produto a ser consumido, dessa maneira, a forma com que o sistema capitalista transformou bens de consumo em objetos que são adquiridos sem muita reflexão (tanto sobre necessidade, as formas de fabricação quanto sustentabilidade, por exemplo) também transforma a informação em algo a ser comprado (Desidério, 2013). No *YouTube*, por exemplo, existem formas de *merchandising* e propaganda que nem sempre estão explícitas para os usuários. Como resultado, as juventudes consomem informações de sujeitos que nem sempre estão comprometidos, como no caso da ditadura civil-militar brasileira, com valores democráticos e, conseqüentemente, com a verdade, memória e justiça.

Concluindo, sobre a construção das identidades juvenis, em um estudo desenvolvido por Maria Auxiliadora Schmidt, a autora apresenta que dos jovens que participaram de sua pesquisa sobre história do Brasil (162 no total), 110 “atribuíram as mudanças que ocorreram na sociedade brasileira às ações de indivíduos. No entanto, no que se refere à história mundial, a totalidade dos jovens (162) sinalizou que as mudanças no mundo ocorreram devido a guerras, revoluções, crises econômicas, inovações tecnológicas e terrorismo e não a ações de personagens individuais” (Schmidt, 2015, p. 12). A formação identitária do/da jovem como cidadã e cidadão se altera a partir de novas formas de visualização e entendimento do

passado. Ou seja, quando temos contato com a história da ditadura e essa história não reflete o movimento estudantil, por exemplo, dificilmente as juventudes se verão como agentes da história. Ainda no exemplo da pesquisa citada acima, constata-se, então, o quão sintomático é que dentre aqueles jovens (quase 70%) entenda que as mudanças na história brasileira provêm da ação de indivíduos e não do coletivo.

No primeiro e o segundo tópico, foi possível analisar as opiniões do público acerca da ditadura civil-militar brasileira nas pesquisas de opinião, no estudo qualitativo em duas escolas e nos comentários dos vídeos no *YouTube* que são objetos desta pesquisa. São visíveis alguns aspectos, tais como a mitificação do passado ditatorial brasileiro como um período em que “se tinha tudo” e que seria justificável uma ditadura no presente como forma de garantir uma ordem social. Os pontos elencados nos comentários foram de 1) Proteção do Brasil contra o Comunismo; 2) A tortura como algo relativo; 3) A utilização do conceito de comunismo; 4) Nomeação entre Regime, Ditadura e Contragolpe e 5) Discurso salvacionista do regime militar ditatorial. Devido ao contexto, entendemos que a Comissão Nacional da Verdade foi um marco na discussão e elaboração de novas narrativas sobre a ditadura civil-militar brasileira no âmbito público. Levando atualmente, por consequência, na construção sobre o passado e na consciência histórica das juventudes. A construção das identidades juvenis se faz atualmente em dois locais (para além do âmbito familiar): na escola e no *ciberespaço*. Perpassando, em seu cotidiano, por uma conexão híbrida em que o interesse pessoal por temáticas e o apoio para estudo se fazem presentes nas suas demandas *online*. No ambiente virtual, portanto, a partir de memórias individuais, há a construção de memórias coletivas que se relacionam com edificação das identidades, sobretudo juvenis. Além disso, o espaço das redes sociotécnicas que podem ser alienantes também convidam para a participação coletiva e cidadã do conhecimento. Nesse sentido, as identidades juvenis são formadas em contato com determinados discursos sobre a ditadura e isso influencia, como vimos no estudo de Lícia Quinan, na percepção da democracia e do autoritarismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos tratar sobre a ditadura civil-militar sob um outro ponto de vista, abarcando a sua receptividade através dos vídeos, comentários e da opinião pública para enfim compreender qual o impacto disso na formação das juventudes sobre a história da época. O *YouTube* é um ambiente capaz de transformar o usuário não apenas em um mero consumidor de conteúdos, mas também produtor. Portanto, é relevante nessa pesquisa apontar o consumo e a produção de conteúdos sobre a ditadura civil-militar brasileira no âmbito digital para compreendermos de que formas esse período histórico é apropriado e disseminado por pessoas não formadas em História.

Nessa jornada, foi importante elencar três trabalhos que foram feitos no sentido de compreender como a plataforma do *YouTube* pode ser utilizada como fonte de pesquisa, nesse esforço também apresentamos uma proposta de metodologia de análise histórica para esse tipo de fonte, que serve como um primeiro passo para construirmos os caminhos da História Digital. Essa metodologia então foi aplicada nas análises iniciais sobre nosso objeto de pesquisa quando no primeiro capítulo apresentamos os dados iniciais dos vídeos selecionados. Um aspecto que captou a nossa atenção também foi que a produção de conteúdo é feita por maioria masculina, branca e heterossexual, sendo importante futuras pesquisas que buscam entender essa relação de poder dentro das redes sociotécnicas.

Destacamos outro aspecto relevante na trajetória dessa pesquisa, que foi a proximidade com leituras sobre os algoritmos, bem como a denominação de rede sociotécnica, como forma de assimilar que atualmente o contato com determinados conteúdos não é feito apenas por uma escolha livre do usuário, mas que aspectos matemáticos influenciam nessa aproximação. Os filtro-bolhas transformam as relações interpessoais em redutos antidemocráticos, pois fortalecem a exposição apenas a opiniões semelhantes as nossas e raramente entramos em contato com ideias diferentes.

No primeiro capítulo, a hipótese era de que, normalmente, pessoas que pesquisam algum tipo de conteúdo possuem tendência a concordar com as opiniões daquele/a *youtuber*, mas como vimos no terceiro capítulo os comentários mais relevantes discordam da opinião dos donos dos canais e afirmam posições positivas sobre a ditadura de 1964. Ainda assim, alguns canais (como *Mamaefalei* e *Vamos Falar de História?*) propagam ideias em outros vídeos que teriam espaço para a recepção do público que compactua com o autoritarismo e enxerga as ditaduras (de direita) como positivas, caracterizando o aspecto de homofilia apontado no capítulo um. Neste primeiro momento, também observamos a carência de fontes

dessa pesquisa, apenas o canal Nostalgia se utilize da consultoria de um professor de História na produção do vídeo.

Quanto ao contexto dos vídeos, um dos eventos importantes que resulta no debate público sobre a ditadura civil-militar foi a entrega do relatório da Comissão Nacional da Verdade em 2014; naquele momento alguns setores sociais mais conservadores discordaram da importância da comissão e acreditavam que era um projeto revanchista da esquerda. Além disso, outro evento importante para o contexto de lançamento dos vídeos foi o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2015 e 2016, as crises político-econômicas, como vimos nos gráficos e comentários no capítulo três, fazem com que ressurgam propostas antidemocráticas e autoritárias que mitificam um período passado como forma de escapismo do presente.

Nos momentos iniciais do capítulo dois, estabelecemos cinco tópicos que estão presentes tanto no debate historiográfico quanto nos vídeos do *YouTube*. São eles: 1) Caráter do golpe (civil ou/e militar); 2) Natureza do Regime; 3) Nomenclatura (Regime ou Ditadura); 4) Periodização; e, por fim, 5) Qual a perspectiva sobre luta armada? A conclusão que chegamos ao analisar cada um desses pontos é de que não podemos classificar as discussões dos youtubers como erradas, mas sim como rasas sobre temáticas em que são desconhecidas por eles e sem sequer um aprofundamento de pesquisa por parte desses “produtores de conteúdo”. Além disso, apesar da maioria se posicionar a favor de visões democráticas, muitos perpetuam mitos e generalizações que já foram superados por estudos no âmbito historiográfico. Nesse sentido, arrematamos essa discussão apontando que esses *youtubers* não são capazes de fornecer outras maneiras de compreender a ditadura civil-militar brasileira e permanecem na mesma linha que a educação formal tradicional, a única mudança é o novo suporte para velhas narrativas. Percebe-se, então, que há um alargamento de discussões que não ficam mais restritas aos historiadores acadêmicos e perpassam por espaços públicos como o *YouTube*.

No segundo tópico do segundo capítulo, abordamos as questões da História Pública e História Digital. Localizamos esses vídeos no espectro da história feita pelo público e reforçamos o caráter de que é importante a mediação do historiador e da historiadora nesses espaços como forma de combate a desinformação e propor medidas de crítica às fontes e não reducionista do período histórico em questão. Na História Digital, o objeto de pesquisa se insere na visão de que é possível e necessário lançarmos um olhar para as tecnologias digitais e compreendermos as formas com que elas transformam o conhecimento, possibilitando diversas e únicas possibilidades de observar uma questão histórica.

No terceiro tópico do segundo capítulo, tecemos discussões sobre os usos do passado e da pseudociência. A definição desse conceito colabora no entendimento do objeto de pesquisa no sentido de que a apropriação desse período histórico por parte dos *youtubers* faz parte de uma agenda política pelo contexto que o país vive atualmente, mesmo que haja uma pretensa neutralidade por parte dessas pessoas. Ainda nesse assunto, nos parece que a tentativa de abordar um assunto de forma neutra é uma estratégia midiaticizada e espetacularizada, buscando visualizações e curtidas, e não comprometida com os direitos humanos da mesma maneira que a falta do aspecto da denúncia que deveria ser evidenciada em vídeos sobre a ditadura civil-militar brasileira. Portanto, há uma busca da população pelos assuntos referentes à ditadura civil-militar, mas as respostas encontradas no *YouTube* apontam para a falta de historiadoras e historiadores nesses debates públicos.

A pseudociência adentra nessa discussão quando observamos que ela faz parte de uma forma com que o público se relaciona com o conhecimento, seja ele histórico ou não. A mente humana buscará sempre padronizar e estabilizar a maneira com que enxergamos o mundo, essas características são barreiras para com a maneira da construção do conhecimento científico que é instável. Conseqüentemente, em tempos de turbulência e tantas dúvidas quanto ao futuro e o presente, as pessoas buscam mitificar períodos em que funcionavam uma pretensa estabilidade, abrindo espaço para teorias pseudocientíficas e conspiratórias. Os vídeos analisados também não podem ser considerados como divulgação científica, uma vez que essas produções não apresentam metodologias e análises científicas acerca da ditadura civil-militar brasileira. Aparentemente, esses *history makers* estão interessados em narrar fatos, importando a informação e não a reflexão sobre o objeto analisado.

No terceiro e último capítulo, adentramos nos aspectos da recepção do público sobre o assunto da ditadura civil-militar brasileira em três âmbitos: nas pesquisas de opinião, na escola e nos comentários selecionados dos vídeos. Esses três conseqüentemente influenciarão, como vimos na pesquisa feita na educação básica, a maneira com que as identidades juvenis serão formadas e, assim, a sua percepção quanto à história recente e à reflexão do seu papel perante as questões atuais do país. Percebemos que nas pesquisas de opinião e no estudo com alunos da educação básica, existe um predomínio e crescimento na opinião popular de que a via autoritária seria uma solução para os problemas do Brasil no presente.

No que tange o segundo subcapítulo, que versou sobre os comentários dos vídeos, elencamos cinco aspectos presentes nesses comentários: 1) Ideia de proteção do país do comunismo; 2) Relativismo da tortura; 3) Conceito de Comunismo; 4) Nomeação do período; e, por fim, 5) Discurso mitológico positivista sobre a ditadura. Isto posto, chegamos a

conclusão de que a ditadura é vista como um mal necessário em certos contextos, e isto é aparente tanto nas pesquisas de opinião, quanto no estudo qualitativo em sala de aula e também nos comentários do *YouTube*.

Essas ideias presentes nos discursos públicos, transformam então a formação do conhecimento histórico por parte das juventudes do país, que cada vez mais se informam através de vídeos e leituras pela *internet*. Este foi o assunto do terceiro subcapítulo, em que a Geração Z interliga seus processos de aprendizagem através das tecnologias digitais e produz a forma uma memória em rede. Nesta perspectiva que se encontra a nossa preocupação, ao vermos que tipos de discursos são fabricados no *YouTube*, não estariam os historiadores se ausentando de um espaço fundamental na construção da percepção da história por parte das juventudes? Não é por acaso que alternativas autoritárias no meio político tem vencido em disputas eleitorais.

Um/a jovem que esteja em contato com conteúdos que reforçam aspectos antidemocráticos por meio dos algoritmos dificilmente saberá da manipulação das redes sociotécnicas sem a colaboração de seus/suas professores/as. Por isso, é tão importante, retornando ao aspecto da História Digital, a presença de historiadores/as e o trabalho dos professores e das professoras nas salas de aula para interromper o ciclo de desinformação e pseudociência. O papel destes profissionais está na disseminação do conhecimento crítico, do comprometimento com a seleção de fontes realizada pela pesquisa histórica como maneira dessas juventudes se munirem destes instrumentos para a construção de seus próprios ideais e modelos de sociedade que respeitem a democracia. Mesmo com os pontos negativos apontados, acreditamos que o *YouTube* é uma plataforma capaz de oportunizar as consciências sociopolíticas e de outras formas de enxergar o mundo para além do livro didático e da visão do/a educador/a. Conseqüentemente, a formação identitária do/da jovem como cidadã e cidadão se altera a partir de novas formas de visualização e entendimento do passado que são fundamentais para o respeito e construção da democracia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1.1 Vídeos

CANAL NOSTALGIA. Regime/Ditadura Militar/HISTÓRIA. YouTube, 25 de maio de 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CRbZwM7fjYM> Acesso em 10/10/2018.

CANAL MAMAEFALEI. Ditadura Militar. Youtube, 30 de maio de 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=X4MfJDuQg_w Acesso em 10/10/2018.

CANAL POLIGONAUTAS. Por que não Devemos ter Saudades da Ditadura Militar? YouTube, 21 de setembro de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-kEvMjQLMuw> Acesso em 10/10/2018.

CANAL VAMOS FALAR DE HISTÓRIA? 1964 - O golpe militar (Felipe Dideus). Youtube, 28 de dezembro de 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=TsfPus_7_tM Acesso em 10/10/2018.

CANAL VAMOS FALAR DE HISTÓRIA? “Ditadura Militar Brasileira (Felipe Dideus). YouTube, 16 de janeiro de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0q3pVCwP7fM> Acesso em 10/10/2018.

1.2 Bibliografia

ALMEIDA, Dinoráh Lopes Rubim. A Repressão e os Descaminhos da Luta Armada no Brasil. *Encontro XXVII Simpósio Nacional de História - ANPUH*. Natal - RN, 2013.

ALMEIDA, Ítalo D’Artgnan; SILVA, Jeissy Conceição Bezerra da; JUNIOR, Sandoval Artur da Silva; BORGES, Luzineide Miranda. Tecnologias e Educação: O Uso do YouTube em sala de aula. *II CONEDU - Congresso Nacional de Educação*, Campina Grande, 2015.

ALMEIDA, J.R.; ROVAI, M.G.O. (Orgs.) *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ARAÚJO, Júlio César; COSTA, Rafael Rodrigues da. A fúria do Führer: um estudo das estratégias discursivo-pragmáticas presentes num “viral” do Youtube. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 11, n. 2, p. p. 283-309, out. 2011.

AVILA, Arthur Lima de. Indisciplinando a historiografia: do passado histórico ao passado prático, da crise à crítica. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 35-49, jan./jun. 2018.

BARROS, Alexandre Rodrigues de. O Uso de Vídeos do YouTube como Fonte Histórica por meio da Aula-Oficina. *Cadernos PDE*, Volume I, 2014.

- BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 32, n. 60, p. 807-835, set/dez 2016.
- BISPO, Luana Maria Cavalcanti; BARROS, Kelly Cristiane. Vídeos do YouTube como recurso didático para o ensino de história. *Atos de Pesquisa em Educação – Blumenau – vol. 11, n. 3, p.856-868 set./dez. 2016.*
- BURGESS, Jean e GREEN, Joshua. *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.
- CAIMI, Flávia; NICOLA, Bárbara. Os Jovens, A Aprendizagem Histórica e os Novos Suportes de Informação. *Revista OPSIS (UFG)*, v.15, n.1, pp. 60-69, 2015.
- CARDOSO, Lucileide Costa. Os discursos de celebração da 'Revolução de 1964'. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo , v. 31, n. 62, p. 117-140, Dez. 2011 .
- CARNEIRO, Anita Natividade. A História YouTubada: discursos sobre ditadura civil-militar brasileira no YouTube in Kreuz, Débora Strieder; et al (Orgs.) *Comunicações do 2º Encontro Discente de História da UFRGS*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
- CARNEIRO, Anita Natividade. Patrimônio e Ditadura Civil-Militar em Porto Alegre: Abordagens no Contexto da Cultura Digital In GIL, Carmem Zeli de Vargas; VICENTE, Dilce Eclai de Vargas Gil (Orgs.). *Aprender com o patrimônio no contexto da cultura digital*. Porto Alegre: Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pp. 137-150, 2017.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui seu login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online. *Revista História Hoje*, v. 3, n. 5, p.165-188, 2014.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e Redes Sociais na Internet: Elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Transversos: Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.
- CORREA, Adriana Moreira de Souza; PEREIRA, Hérica Paiva. O Youtube como ferramenta pedagógica em sala de aula: uma prática de letramento. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar, Cajazeiras*, v. 1, Ed. Especial, 381 – 389, set/dez. de 2016.
- COSTA, Belamiro César Guimarães da. Comunicação e educação na era digital: reflexões sobre estética e virtualização. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, V.7, n.19, p.87-103. Jul de 2010.
- COSTA, Manuel Domingos Veloso Pereira da. *A utilização das novas tecnologias na formação e divulgação de conteúdos: em particular o vídeo no Youtube*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação: Especialização em Audiovisual e Multimédia. Universidade do Minho, 2011.

- COSTA, Marcella A. F.; LUCCHESI, Anita. Historiografia Escolar Digital: Dúvidas, Possibilidades e Experimentação. In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; SOUZA, Josefa Eliana. *História, Sociedade, Pensamento Educacional: experiências e perspectivas*. Editora Autografia: Rio de Janeiro. Capítulo 12. 2016.
- COSTA, Marcella A. F. Tecnologia, Temporalidade e História Digital: Interpelações ao Historiador e ao Professor de História. *Revista Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, pp.173-182, jul./dez. 2015.
- DAL PIAN, Luiz Fernando. Aproximações entre Comunicação Pública da Ciência e Entretenimento no Youtube: uma análise do canal Nerdologia. *XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - Rio Grande do Norte*, 2015.
- DANTAS, C. G. . O passado em bits: questões sobre a reelaboração da memória social na internet. VI Cinform - Informação, Conhecimento e Sociedade Digital, 2005, Salvador. *Anais do VI Cinform*, 2005.
- DESIDÉRIO, Plábio Marcos Martins. Uma Leitura Do Sujeito Virtual Nas Mídias Sociais E As Contribuições Da Análise Do Discurso. *Cadernos de comunicação*, v.17, n.18, jan–jun 2013.
- DIAS, Juciele Pereira. YouTube: um espaço de leituras na contemporaneidade. *Anais do II Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito*. UFF, Niterói, n. 2, pp. 72-78, 2013.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, pp. 314-332, dezembro 2002.
- FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 05 - 74. jan./abr. 2017.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54ª edição. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2016.
- GLEZER, R.; ALBIERI, S. O campo da história e as "obras fronteiriças" algumas observações sobre a produção historiográfica brasileira e uma proposta de conciliação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 48, p. 13-30, 1 mar. 2009.
- HUYSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política e amnésia. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. *Rio de Janeiro Aeroplano*, pp. 9-40, 2004.
- JOFFILY, Mariana. Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 204 - 251, jan./mar. 2018.
- KALLÁS, Ana Lima. Usos públicos da história: origens do debate e desdobramentos no ensino de história. *Revista História Hoje*, v.6, n.12, p.130-157, 2017.

- LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.19, n.38, pp.125-138, 1999.
- MAGALHÃES, Marcelo, et. al. *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- MARTINS, Cristiane. Geração digital, geração net, millennials, geração Y: refletindo sobre a relação entre as juventudes e as tecnologias digitais. *DIÁLOGO*, Canoas, n.29, p. 141-151, ago. 2015.
- MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. *História Pública: Sentidos e Itinerários*. São Paulo: Letra e Voz. 348p., 2016.
- MELLO, Yuri Araujo de; GREGOLIN, Maria do Rosário. YouTube: práticas discursivas e identitárias no ciberespaço. *I DCIMA Colóquio Internacional Mídia e Discurso na Amazônia*. 2013.
- MENEGON, Érika Nogueira. *Imagens e Narrativas Midiáticas: Análise dos vídeos do YouTube*. Dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Estadual Paulista – UNESP. Marília –SP, 2013.
- MOREIRA, Carla Barbosa; DIAS, Juciele Pereira. Questões sobre “Linguagens, Códigos e Novas Tecnologias” no YouTube. *Atas do V SIMELP (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa)*. Simpósio 36, 2017.
- MORELLI, Bianca Teixeira; RENÓ, Denis Porto. Configurações do bios midiático: o papel do YouTube na sociedade midiaticizada. *Razón y Palabra*. n. 92, dez 2015 – março 2016.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A estratégia de acomodação na ditadura brasileira e a influência da cultura política. *Páginas – revista digital de la Escuela de Historia Universidad Nacional de Rosario*, ano 8, n.17, pp. 9-25, maio-agosto 2016.
- NICOLAZZI, Fernando Felizardo. A História Entre Tempos: François Hartog e a conjuntura historiográfica contemporânea. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 53, p. 229-257, jul./dez. 2010.
- NOIRET, Serge. História Pública Digital, *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, pp. 28-51, maio 2015.
- OLIVATTI, Tânia Ferrarin. YouTube: Novas práticas dos usuários em uma nova prática cultural. *Anais do I Simpósio de Comunicação e Tecnologias Interativas*, 2008.
- OLIVEIRA, Jackson Alves de. *Educação Histórica e Aprendizagem da “História Difícil” em Vídeos de YouTube*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Paraná, 2016.

- OLIVEIRA, José Reinaldo. *Juventude e Ciberespaço: Implicações do uso da internet na constituição da sociabilidade juvenil*. Dissertação de mestrado em Educação na Universidade Católica de Brasília, 2012.
- PAIANI, Flávia Renata Machado. História e Narrativa na “Historiografia” Não Acadêmica: O Caso de Mary Del Priori. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial - I EPHIS/PUCRS, p. 355-370, 2014.
- PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. Nova direita? Guerras de memória em tempos de Comissão da Verdade (2012-2014). *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 31, n. 57, p.863-902, set/dez 2015.
- PILATI, Ronaldo. *Ciência e Pseudociência: por que acreditamos naquilo em que queremos acreditar*. São Paulo : Editora Contexto, 2018.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise do discurso político. *Revista Barbarói*, UNISC – Santa Cruz, n. 24, pp.78-109, 2006.
- PUHL, Paula Regina; ARAÚJO, Willian Fernandes. YouTube como espaço de construção da memória em rede: possibilidades e desafios. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v.19, n.3, pp.705-722, set./dez 2012.
- QUEIROZ, Igor Raphael Gouveia de. O Youtube como ferramenta da cultura midiática participativa. *XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - Rio Grande do Norte*, 2015.
- QUINAN, Lícia Gomes. *As memória dos jovens sobre a ditadura civil-militar e a função social do historiador/professor*. Dissertação do mestrado profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Universidade do Federal do Rio de Janeiro. 2016.
- QUINTANILHA, Luiz Fernando. Inovação pedagógica universitária mediada pelo Facebook e YouTube: uma experiência de ensino-aprendizagem direcionado à geração-Z. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 249-263, jul./set. 2017.
- RECUERO, Raquel. *Introdução à análise de redes sociais*. Salvador: EDUFBA, 35 p., 2017.
- SALGADO, Tiago. Públicos Algorítmicos: Relevância e recomendação no YouTube. In HOMSSI, Aline Monteiro et. al. *Tempos de rupturas: críticas dos processos comunicacionais*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017, pp. 370-392.
- SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? *Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP*, Vol II, no 1, 2010.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Aprendizagem da “burdening history”: desafios para a educação histórica. *Mneme – revista de humanidades*. Caicó, v. 16, n. 36, p. 10-26, jan./jul. 2015.

SCHNEIDER, Catiúcia Klug; CAETANO, Lélia; RIBEIRO, Luis Otoni Meireles. Análise de vídeos educacionais no YouTube: caracteres e legibilidade. *RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação*. V. 10, no 1, julho de 2012.

SHEEHY, Megan. New Perspectives of the Past: YouTube, Web 2.0 and Public History. *Melbourne Historical Journal*, v. 36, n. 1, p. 59-74, jan. 2008.

SILVA, Marco Polo Oliveira da. *Youtube, Juventude e Escola em Conexão: A produção da aprendizagem ciborgue*. Dissertação de Mestrado em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte – MG, 2016.

SILVA, Patrícia Dias. Remisturando a Política: A manipulação da imagem mediática na criação e disseminação de vídeos no YouTube. *VII Congresso Associação Portuguesa de Ciências da Computação (SOPCOM)*, Universidade do Porto, 2011.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação Científica: Uma Revisão de seus elementos básicos. *Revista Informação & Sociedade: Estudos*, v.10, n.2, 2000.

TELLES, Helyom Viana. História Digital, Sociologia Digital e Humanidades Digitais: Algumas questões metodológicas. *Revista Observatório, Palmas*, v.3, n.5, pp.74-101, agosto 2017.

YOUTUBE. Suporte. 2018. Disponível em <https://support.google.com/youtube/answer/7239739?hl=pt-BR> Acesso em 30/07/2018.